

ELUCUBRAÇÕES

Mario Tessari

© Mario Tessari, 2026.

Mario Tessari

escreveu os textos e diagramou o livro.

Maria Elisa Ghisi

incentivou, leu, opinou, revisou e aprovou.

Contatos com o autor:

mariotessari@gmail.com

<http://livrosdomariotessari.wordpress.com/>

Sumário

5	OUVIDOS CANSADOS
7	HOMO SAPIENS SAPIENS FUTURUS
10	CATARSE
13	REVISÃO EM VIDA
16	INGENUIDADES CONSAGRADAS
27	LIMITES
26	ILUSÃO DE PODER
30	SUBORDINAÇÃO
32	O CASAMENTO
34	FILOSOFIAS EM EDUCAÇÃO
38	ESPIRITOS LÍQUIDOS
38	COTÓ
41	EFEITOS DE ESTRESSE
43	AS ARMADILHAS DA INDÚSTRIA MÉDICA
45	RETORNANDO AO NADA
50	VER OU ENXERGAR
52	CAÇULA
55	PENÚLTIMA ORAÇÃO DO PAI-NOSSO
58	GENÉTICA CULTURAL
60	A IDADE DOS MÚSCULOS
76	DEUS, UM DELÍRIO ... COLETIVO

- 79 IDEIAS COLETIVAS
- 82 POLÍTICOS, SANTOS E DEUSES
- 85 CHORAR, CALAR, ESCREVER, SILENCIAR
- 87 DANÇAR ... ENQUANTO CONSEGUIR
- 88 RASGANDO A AUTOIMPORTÂNCIA
- 90 O LUGAR DE ONDE FALO
- 92 ESCOLAS DE ENSINAR E APRENDIZAGENS
- 95 RESONSABILIDADE CRITICA
- 96 ARVORES DE RUA
- 99 MOSAICOS
- 101 A ILUSÃO DO HARARI
- 104 POPULISMO
- 106 DIA OITO DE MARÇO
- 108 A PORTA DA MENTE
- 113 SEMENTES FILOSÓFICAS
- 122 PEDAGOGIA DA EVITAÇÃO
- 123 HIGIENE DA CUECA
- 128 MEDO SUPERADO PELA FÉ
- 130 HISTÓRIA NOSSA DE CADA DIA
- 138 MAU-OLHADO
- 142 MONETARIZAÇÃO DOS AFETOS

OUVIDOS CANSADOS

Andando pela floresta, ouvimos os sons da Natureza como vozes que nos saúdam e nos acolhem. Intercalados com pequenos intervalos de silêncio. Se tivermos sorte, seremos surpreendidos por melodias de pássaros; apresentações individuais, sinfonias, corais, orquestras ou jograis. Sabiás, bem-te-vis, pombas, canários, tico-ticos, coleirinhas, curiós, trinca-ferros, ...

Essas alegrias também podem ser vividas em parques, praças e calçadas arborizadas. Os pássaros chegam, pousam em uma árvore, cantam, mudam de árvore, vão embora. Por serem imprevisíveis e por nos alegrarem por instantes, mais fundo gravam os sons em nossas memórias. Levamos conosco a lembrança das melodias e o desejo de ali voltar a ouvir.

A surpresa desperta nossa mente; a monorritmia vira ruído... inaudível.

Algumas pessoas prendem pássaros em gaiolas exíguas, penduradas em paredes sombrias ou expostas ao sol e ao vento. Ao ver a chuva (se da prisão puder ver...), o prisioneiro abre as penas, recordando dos bons banhos nos tempos de liberdade, se, antes de ser preso, teve essa

felicidade... Porque, quando chove, a passarada se alegra com um banho natural.

Parodiando Otto Lara Resende em Vista Cansada, podemos dizer que a repetição invariável e jamais ausente nos suja os ouvidos e causa surdez. Um pássaro preso em uma gaiola, presa à parede de barbearia, de oficina, de apartamento ou de sala, ao repetir, do amanhecer ao anoitecer, o mesmo canto, no mesmo lugar, vira monotonia, barulho, falência dos tímpanos.

HOMO SAPIENS SAPIENS FUTURUS

A Medicina e os profissionais ‘da saúde’ atendem doentes e combatem doenças. As pessoas enfermas vão (ou são encaminhadas) ao Sistema de Saúde: consultórios, médicos e hospitais. Paradoxal. “A realidade está grávida de seu contrário.”*

Se uma pessoa saudável, em pleno exercício de sua saúde, chega a um consultório, clínica ou hospital, será considerada ingênua e corre o risco de ser ridicularizada em seus temores ou, bem possível, de ser explorada emocional e financeiramente. O mercado clínico explora, lucrativamente, o nosso medo de adoecer e o nosso pavor diante da certeza de que vamos morrer.

Além do interesse profissional e financeiro da Indústria Clínica, agora, pessoas sadias, que gozam até de saúde invejável, desejam ser ainda mais saudáveis: SUPERsaudáveis ou mais, HIPERsaudáveis. Possivelmente, na esperança de fazer parte de uma nova espécie humana que viveria trezentos anos, com possibilidade de viver ‘para sempre’.

Mesmo que inconsciente ou de forma disfarçada, talvez, já exista um grupo humano sonhando com a construção de uma elite de gigantes, como há uma

elite capitalista, que acredita na importância de ficarem cada vez mais ricos, para que os riquíssimos consigam amealhar ainda mais riqueza, formando uma casta que se afastará ainda mais da pobreza popular. Essa elite quer criar um ‘mundo à parte’, distante da miséria e da possibilidade de morrer de fome...

Chega, agora, a notícia de que um inglês insatisfeito com o corpo dele pagou mais que R\$ 800.000,00 para um cirurgião enxertar ossos nas pernas ... e ele “cresceu 8 cm”.** Imagino que o ego do homem tenha crescido muito mais... Será que ficará mais saudável? Será que estará mais feliz?

Na minha terceira passagem como estudante da UFSC, aos cinquenta e três anos, muitos colegas ainda meio adolescentes olhavam com compaixão para o grupo de ‘velhos’ da turma, porque a “Matrix” estava se realizando aos poucos: que eles, SUPERjovens e SUPERinteligentes, seriam os primeiros pós-sapiens-sapiens e que nós éramos bichos do passado, hominídeos a serem usados como serviçais deles, para resolver pequenos problemas que ainda não eram resolvidos pela inteligência artificial e pela automação total.

Nesses tempos antropocêntricos e de reinvenção do homem, ressurgem células de fascismo e de nazismo, adeptos da eugenia, e as escolas trabalham na formação de SUPERdotados, a partir da seleção de alunos SUPERinteligentes que possam construir um mundo virtual, espaços

cibernéticos ... nas nuvens, residência de semideuses...

Lembro que, ao final do Século XX, durante um dos muitos trabalhos meus na Amazônia, me contaram que, em uma aldeia próxima, estava surgindo “uma nova ‘raça’ de índios, índios gigantes”. Isso acontecia em uma única aldeia daquela tribo que habitava uma vasta região. Antropólogos, sertanistas, biólogos, sociólogos e cientistas de ‘instituições superiores’ haviam estudado o fenômeno sob todos os aspectos, sem, porém, encontrar “evidências científicas” que explicassem ‘a boa nova’.

Passados alguns anos, um viajante, leigo e despretensioso, perguntou, a um caçador que conhecia quase todas as aldeias, em quantas delas atracava esse barco com câmara frigorífica. “Só nesse”, afirmou ele. Ou seja, os ‘frangos de granja’, com altos níveis de somatotropina (hormônio do crescimento) só chegavam a essa aldeia e os resíduos continuavam agindo naqueles índios ‘privilegiados’.

Décadas depois, uma pesquisa acadêmica ‘descobriu’ que, naquela aldeia, as doenças desenvolvidas pelo próprio corpo matavam antes e mais que as doenças transmissíveis.

**Princípio fundamental da Filosofia Dialética.*

***<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/11/21/homem-gasta-mais-de-r-800-mil-para-fazer-cirurgia-e-crescer-8-centimetros.htm>*

CATARSE

A vida não segue uma função matemática linear; nem mesmo obedece a uma função variável. Aparentemente, a vida é uma sequência de ciclos aleatórios que se entrelaçam formando uma trança irregular, que só será mostrada em detalhes pelo mestre Tempo, depois de tempos.

No dia 28.02.2015, acompanhei minha mãe e minhas irmãs à comemoração do aniversário de um ano de minha neta Elis. Eu havia sido convidado e havia dito que não poderia comparecer. Porém, como já estava em São José, aproveitei a carona. No entanto, minha presença causou constrangimentos e muita revolta. Esse foi um dos mais importantes choques de realidade que sofri. No meu andar de pedestre, atropeli o trânsito, mesmo que tenha sido de forma involuntária e que nem tenha percebido.

Porém, recebi relatórios incisivos sobre os resultados dessa minha decisão de comparecer sem confirmar, o que possibilitaria ao meu filho Jorge administrar os desconfortos causados pela minha presença às outras pessoas. Me senti como se fosse um maligno, um maldito.

Encontrei e abracei meus quatro filhos e deles recebi a afagos e palavras amáveis, que me deixaram imensamente feliz; me senti reconfortado. No entanto, os familiares de meus filhos demonstraram claramente a ojeriza que minha presença causa. Tudo farei para evitar desconfortos futuros. Tomei consciência que a Ilha de Santa Catarina é território minado a ser evitado.

Encontrar, abraçar e conversar com a Márcia e com a Mariane foi um prazer sorvido com vagar e guardarei essas doces lembranças. Agradeço imensamente o carinho demonstrado por vocês dois, Jorge e Gilvan.

Sempre estarei disponível para meus quatro filhos, seja para contatos verbais seja em meu espaço vital. Mas, não quero ser ameaça ou causar mal-estar a quem quer que seja. Concentrarei esforços no objetivo de não incomodar. Ficarei distante das residências de todos.

Dos bilhões de seres humanos que dominam a Terra, eu preciso apenas de duas dezenas de amigos, com os quais possa compartilhar sentimentos e ideias, e agir utopicamente.

A guerra causa desgastes irreparáveis, por isso procuro refúgio na paz e evito confrontos, administro conflitos para preservar o respeito por mim mesmo.

Ciclos se completam, concomitantes a outros ciclos que evoluem e abrem espaços para novos ciclos. A minha vida segue imprevisível e indiferente aos reclamos; apenas continuarei trabalhando para fazer dela uma história pessoal.

Com o tempo, o mestre Tempo dirá a opinião dele. Mas, não me arrependo da viagem que fiz, pois, dela, sai mais leve, mais limpo e mais livre.

*Mario Tessari – Sítio Itaguá – 04:45 horas do dia
03.03.2015.*

REVISÃO EM VIDA

Desde que eu lembre de ter escrito, mesmo que um bilhete, sempre me senti insatisfeito com o texto. Essa sempre foi a minha exigência. Por isso, antes de enviar ou de publicar, revisei e reescrevi tudo o que deu tempo para revisar e reescrever.

Há alguns anos, li um comentário sobre Graciliano Ramos e me senti identificado com ele na busca incessante de aperfeiçoar os textos. No entanto, com menor rigor que o Mestre Graça, pois, em dado momento, dei à luz textos e livros, consciente de que tinha alcançado o melhor para aquele momento. Ou seja, mesmo sabendo que os textos ainda precisam receber melhorias, eles já conterão minhas ideias de forma mais ou menos inteligível.

Recentemente, voltei à leitura da última entrevista de Jean-Paul Sartre, encontrando evidências ainda mais fortes de que nossas opiniões devem ser datadas e merecem constantes e infinitas revisões. Ou seja: o que eu disse, em cada época, era o que eu acreditava ser a ‘verdade’; verdades contraditórias, constantemente desmentidas. Sartre defendia as opiniões dele com convicção e com extremo vigor, porém, aceitava

com resignação o fracasso de suas teorias, diante de provas alheias ou mesmo por ter chegado à conclusão de que suas ideias estavam erradas e/ou ultrapassadas.

Alguns trechos emblemáticos dessa capacidade de aceitar os próprios erros e de reformar os próprios pensamentos filosóficos.

1. “... acho que a ideia de imortalidade a que me entregava intensamente quando escrevia (e até quando deixei de escrever [porque ficou cego]) era um sonho. Acho que a imortalidade existe, mas não é assim.”

2. “Veja bem, minhas obras são um malogro. Não disse tudo o que queria dizer, nem da maneira como queria dizer. Algumas vezes em minha vida isso me magoou profundamente. Outras vezes, não percebi meus erros e pensei ter feito o que queria. Nessa altura, não penso mais nem numa coisa nem noutra. Acho que fiz mais ou menos o que pude. Que isso valia o que valia. O futuro desmentirá muitas das minhas afirmações; espero que algumas sejam conservadas, mas, em todo caso, há um movimento lento da História em direção a uma tomada de consciência do homem pelo homem.”

3. “... em minhas primeiras pesquisas [...] procurava a moral numa consciência sem recíproca ou sem outra [...] Hoje, acho que tudo ...”

4. “Moral que está aliás em contradição com certas ideias que tive.”

Em 2014, a respeito da importância do livro dele *AS VEIAS ABERTAS DA AMÉRICA LATINA*, Eduardo Galeano afirmou que, quando escreveu, não tinha o treinamento e o preparo necessários para tratar de economia e de política. Como a dizer: Se eu fosse reescrever o texto, fariam muitas melhorias. Mesmo sendo uma obra que norteou a intelectualidade latino-americana por décadas.

A leitura do que escrevemos ao longo da vida é exercício fundamental para nossa autocrítica. A análise de nossas ideias pretéritas pode informar das revoluções, das involuções e, principalmente, das evoluções que precisamos realizar para que possamos descer dos trapiches da nossa vaidade, com cautela para evitar frustrações e traumas.

Conscientes de que somos outros em cada época e diante de circunstâncias, poderemos admitir também que somos apenas testemunhas das situações vividas e estaremos em condições de empreender novas e mais profícuas reflexões filosóficas, muito adiante do histórico ontológico. Importante que essas revisões aconteçam antes que a morte bata o carimbo sobre nossas biografias.

INGENUIDADES CONSAGRADAS

Em todas as épocas, cada povo teve sua concepção de mundo, seu senso comum, seu pensamento comunitário dominante; esses conjuntos de ideias, de normas e de valores morais serviam de base para organizar os agrupamentos humanos que viviam em estado gregário e de forma cooperativa ou não.

As comunidades desenvolvem e, ao mesmo tempo, se submetem a sistemas de princípios necessários e suficientes para manter a dinâmica social, nas dimensões religiosa, econômica e política. Interagem e controlam uns aos outros há tanto tempo que passam a perceber como naturais todas as regras e instituições que eles mesmos (indivíduos comuns) criaram. A partir daí, as tradições culturais assumem um caráter metafísico inquestionável, um espírito coletivo acima da razão, que guia o destino de todos. As instituições recebem status de ‘entidades’; entes, seres existentes a priori; criações divinas. E o povo pode viver em paz na alienação.

As ideias, as normas e os valores morais vão sendo agregados à medida que o grupo social vai se formando. Surgem com a união estável de um

casal, pois os cônjuges precisam estabelecer acordos de convivência que limitem as idiossincrasias, as manias e as excentricidades individuais; são ampliados com o surgimento de filhos, negociados quando os filhos passam a exercer poder para influenciar a pequena família, renegociados a partir do casamento desses filhos com parceiros defensores de outros conjuntos de regras de convivência na, dali por diante, grande família. Cada clã é governado por uma filosofia de vida reconhecida e aceita por todos os seus membros, mesmo que possa parecer estranho para pessoas de outros clãs. São os costumes de cada família: respeitados, evocados, sacramentados e transmitidos para as futuras gerações como dogmas sagrados.

E, para poder conviver com vizinhos fronteiriços, cada uma dessas grandes famílias se vê obrigada a adequar suas regras sociais ao crescente aumento de indivíduos e de relações sociais, econômicas e/ou políticas. Cada aldeia tentando controlar a outra no jogo social e político; tentando impor seus modos de pensar à comunidade vizinha.

À medida que a população circunscrita pelo senso comum se expande, as regras de convivência e as relações de poder serão mais detalhadas e mais complexas. As instituições criadas passam a abrigar a ideologia dominante, numa espécie de

transferência inconsciente das responsabilidades individuais para estâncias metafísicas, tidas como entes sobrenaturais, para os quais se atribui vida própria, como se fossem enviados pelos deuses para reger e salvar a humanidade. Essa complexidade organizada é que mantém a coesão e que permite o progresso socioeconômico de cada agrupamento humano, desobrigando os indivíduos da responsabilidade de pensar, de julgar e de tomar decisões: todos se submetem a determinismos sagrados, sem contestações ou críticas; se submetem passivamente.

No entanto, a chegada de forasteiros ou de textos estrangeiros pode despertar alguns membros da comunidade, livrando-os do torpor ideológico em que estão imersos de forma mais ou menos inconsciente. Em especial, as novas gerações são suscetíveis às novas ideias e podem provocar cismas por dissidência de opinião, gerando turbulências que podem gerar desequilíbrios temporários ou, em casos extremos, cisões definitivas. Por isso, um dos principais esforços dos adultos é conter as revoltas juvenis.

Essas sublimações sociais geram crenças que derivam para atitudes e comportamentos que tendem ao ridículo, mesmo que permaneçam encobertos pelo senso comum. Dentre eles, muitos lugares comuns na mídia e, em especial, nas peças publicitárias.

Lemos e/ou ouvimos diariamente muitas afirmações absurdas sem refletir ou questionar. As estradas matam os motoristas, os carros ficaram totalmente destruídos, os engarrafamentos prejudicam o trânsito, as pessoas são eliminadas por balas perdidas, os agradecidos se dizem obrigados, as emissoras são ouvidas em todos os lugares do mundo, os velhos devem ser respeitados incondicionalmente, ...

Bastariam um pouco de raciocínio lógico para perceber que os motoristas é que matam a si mesmos e aos outros, os carros acidentados e as casas incendiadas foram parcialmente destruídos, o excesso de veículos causa engarrafamentos, os maus motoristas prejudicam o trânsito, os tiros atingiram os alvos (mesmo que aleatoriamente), os locutores são obrigados a agradecer porque são pagos para isso, as emissoras podem ser sintonizadas em qualquer parte da Terra, tem muito bandido velho e muito velho safado.

As primeiras afirmações, aparentemente absurdas, oferecem esconderijo para o povo em geral, que prefere estar sob a proteção de alguém ou alguma coisa poderosa sem precisar se expor, sem precisar pensar muito, sem precisar tomar decisões. O povo prefere viver alienado, mesmo com prejuízos, do que lutar abertamente por suas ideias e ser responsável pelos próprios atos.

A expressão ‘bom atendimento’ é usada para cativar os fregueses dos estabelecimentos comerciais que afirmam o que deveriam estar fazendo; se atendessem bem não precisariam propagandear, pois os consumidores saberiam disso na prática. Além do que seria necessário especificar o que é bom atendimento, do ponto de vista do freguês. Possivelmente, as pessoas entram nas lojas com o intuito de suprir as próprias necessidades; as lojas deveriam atender as necessidades dos clientes. E não distribuir sorrisos artificiais e servir cafezinhos. E, muito raramente, um comerciante pergunta ou pesquisa se o cliente teve suas necessidades atendidas. Muito pelo contrário, frequentemente, o incauto acaba levando inutilidades, sem ter comprado o que precisava comprar. Além de, muitas vezes, concorrer compulsoriamente por prêmios que paga sem saber; compra alimentos e concorre ao sorteio de um automóvel que ajuda a pagar.

Também as indústrias proclamam a qualidade de seus produtos. O que não deixa de ser verdade. Meia-verdade, pois todos os produtos têm qualidade: a qualidade que eles têm. Pode ser ótima qualidade, qualidade mediana ou péssima qualidade. Portanto, afirmar que os produtos têm qualidade é uma meia-verdade, uma verdade relativa. No entanto, a intenção é, para os ingênuos, os entendimentos são os de que aqueles produtos

são de qualidade superior. Mais um caso em que a esperteza dos exploradores utiliza meias-verdades para incluir opiniões perniciosas no senso comum do povo simplório.

Outra meia-verdade enganosa é ‘cliente tradicional’. As empresas e os cidadãos usam alguns critérios para selecionar os clientes mais confiáveis; aqueles que possivelmente pagarão as dívidas nos prazos estipulados e sem pechinchar. Porém, a informação que consta nas fichas cadastrais e/ou nas memórias pessoais é apenas ‘cliente tradicional’, sem questionar a que tradição se refere.

Há pessoas que sempre pagam o que devem, cuidam mais de uma ferramenta que tomaram emprestada do que cuidam normalmente das suas ferramentas e jamais roubam, mesmo quando as oportunidades favoreçam e as necessidades quase obriguem. Porém, no outro extremo, encontramos muitos ladrões tradicionais. Sobra ainda muita gente se comporta conforme a situação ou conforme as conveniências, sendo pessoas apenas relativamente honestas. Logo, poderemos encontrar clientes tradicionalmente bons pagadores, clientes tradicionalmente trapaceiros, velhacos e caloteiros de comportamentos imutáveis. E, entre esses dois extremos, está a maioria da população, cuja honestidade depende de uma vigilância atenta e de repetidas cobranças.

Logo, os clientes dos três tipos são tradicionais: tradicionalmente bons, tradicionalmente relapsos ou tradicionalmente velhacos. São, então, tradições bem diferentes entre si. Porém, todas merecem o rótulo ‘tradição’.

Paradoxalmente, a tradição deveria ser o rótulo apenas dos maus clientes, pois as palavras tradição e traição são irmãs gêmeas, filhas do vocábulo latino *traditio,ónis*.

As tradições são heranças culturais transmitidas de geração a geração; muitas delas equivocadas e, até mesmo, criminosas, como touradas, torturas, circuncisão dos meninos, ablação do clitóris e dos pequenos lábios da vulva das meninas, machismo, ... Em particular, as tradições religiosas podem ser justificadas pelas causas originais e/ou pelas interpretações errôneas, principalmente das leituras e/ou traduções de documentos escritos em linguagem iconográfica, pictogramas ou ideogramas. A fé, as proibições, os tabus, os bálsamos milagrosos, as poções mágicas, as magias, os bruxismos e os encantamentos tiveram razão de ser e efeitos práticos no controle dos comportamentos humanos e na cura de moléstias, em épocas ancestrais. Porém, podemos rever essas atitudes que foram lógicas no passado, mas que chegam a ser hilárias à luz da Ciência atual.

No entanto, muitos mitos, lendas, liturgias, ritos, usos e costumes ainda são seguidos com convicção inabalável, mesmo que uma análise simples possa desvendar o fanatismo de crenças e de comportamentos sem razão lógica. Há quem acredite que sempre chove na ‘virada de lua’, que as crianças tendem a nascer em noites de lua-cheia e que a tromboflebite seja ocasionada pelo ‘leite de sapo’. Para evitar a doença venosa, exterminam os sapos.

O respeito pelos mais velhos é uma tradição milenar em diversas culturas.

Possivelmente, os povos da antiguidade acreditassem que a sabedoria fosse o acúmulo de experiências. E, de um modo geral, uma pessoa precisa viver muitos anos para experimentar muitas coisas, para viajar e viver em muitos lugares, dialogar com muitas pessoas e meditar longamente sobre tudo o que viveu.

Porém, a maioria das pessoas vive as mesmas experiências e em torno da Terra Natal, mesmo que seja por décadas inteiras. Por outro lado, muitos jovens aprendem várias profissões, viajam intensamente, buscam com disciplina e persistência um grande número de informações e aprendem rapidamente por tentativas que, na maioria das vezes, se concretizam em inventos, grandes empreendimentos, gerando, inclusive, teorias fidedignas.

A Bíblia está recheada de recomendações de respeito aos ‘mais velhos’ e aos idosos. Com certeza, as religiões reforçaram a crença na sabedoria dos anciões.

Porém, pessoa idosa é uma expressão muito abrangente. A maioria das pessoas idosas merece nossa admiração e nossos respeitos. No entanto, há pedófilos e depravados, que foram assim por toda a vida deles, e há pedófilos e depravados que iniciaram a pedofilia e a depravação como comportamento de ‘terceira idade’. Velhos pedófilos e/ou depravados são criminosos que não merecem nossos respeitos.

Essa crença de que ao longo da vida as pessoas vão ficando cada vez mais sábias e respeitáveis corresponde, mais ou menos, à lenta metamorfose de um gavião predador em uma pomba da paz. No entanto, dificilmente alguém vai acreditar que uma erva daninha vai, à medida que envelhece, se transformando em uma linda orquídea ou em um cereal nutritivo. Que uma piranha se transforme pela idade em um lambari. Um gavião velho será, no máximo, um predador menos perigoso; podemos comemorar se a erva daninha não der sementes e se as piranhas ficarem banguelas.

Podemos concluir que o senso comum, a moral e a legislação devem ser vistos, analisados e utilizados de forma consciente e crítica, para que possamos superar o pensamento ingênuo e evitar

comportamentos tolos, como comprar inutilidades, seguir a moda, acreditar na propaganda e/ou venerar cretinos.

LIMITES

Cada ser vivo estabelece seu espaço vital, conforme o poder que tem para restringir o limite dos outros. Se sozinho no mundo, provavelmente, estabeleça seus limites no limiar de suas necessidades de espaço.

No entanto, cada vez mais, aumenta a densidade de seres vivos, diminuindo a fatia que corresponde a cada um. Por isso, algumas plantas e alguns animais sobrepujam os mais fracos, invadindo os espaços vitais deles. Excedem aos seus limites, porque os vizinhos carecem de forças e de agressividade para defenderem os próprios limites.

Porém, alguns dos invadidos utilizam justamente a inércia individual para provocar piedade, reivindicando direitos iguais.

A palavra respeito é aglutinação portuguesa da expressão latina ‘res pectus’, significando coisa alheia. Ou seja, se é dos outros, não devo mexer. Mas, também, pode significar ‘ação de olhar para trás’. Então, respeitar deveria ser aceitar o limite dos outros, sem abrir mão dos próprios limites.

A convivência entre seres vivos será sempre uma relação de poder. Para nós seres humanos, poderá ser um conjunto de relações pacíficas, mediadas por comportamentos éticos.

ILUSÃO DE PODER

Alguns pais plantam na mente dos filhos preferidos a convicção de que são especiais: seres superiores, com direito de mandar e de serem obedecidos. Dentre os formados na Escola da Arrogância, muitos podem desenvolver uma doença difícil de curar: Ilusão de Poder.

Se os pais, em contrapartida, impusessem exigências e estabelecessem limites, os egos seriam podados segundo a técnica agrônômica que recomenda podar as árvores frutíferas: podas de formação, podas de limpeza, podas de excessos e podas de frutificação.

Se bem podados e disciplinados, os filhos poderiam desenvolver habilidades manuais, intelectuais e profissionais e, se compensassem arrogância com boas doses de senso de realidade e de humildade, seriam úteis em todas as organizações sociais. Se os discípulos da Escola da Arrogância frequentassem, no contraturno, a Educação para a Responsabilidade, teríamos menos insolentes, déspotas, prepotentes e tiranos.

Crianças que crescem sem limites e com o apoio irrestrito da família se acostumam a explorar

os pais, os irmãos, os parceiros de brincadeiras, os colegas de escola, os namorados, as empresas onde trabalham e as instituições que frequentam. Esses onipotentes crescem, vivem e morrem com a ilusão que tudo podem e que todos obedecem porque ‘eles são o máximo’

SUBORDINAÇÃO

A força dos animais está no corpo. Porém, os corpos dependem da mente para bem viver e para utilizar estratégias de sobrevivência, se for o caso. Porque um corpo forte comandado por uma mente doentia tende a adoecer. Ódios e mágoas corroem e envenenam; a alegria e a solidariedade geram energias positivas.

Falo de animais, de todos os animais. Observo as aves, as minhocas, os répteis, as pulgas, as baleias, ... e admiro a sabedoria com que se adaptam às condições ambientais e às mudanças internas e externas. Admiro e aprendo com todos os seres vivos, animais e plantas. Aprendo humildade e responsabilidade para com a Vida. Isso inclui evitar comportamentos tóxicos, nocivos para minhas saúdes (espiritual, mental e corporal), para as amizades, para a comunidade, para o nicho ecológico, ... enfim, nocivos para 'meu mundo'.

Permiti que amigos usassem uma garnisé para chocar 'ovos especiais, caríssimos'. Logo que os pintinhos nasceram, os 'amigos' levaram os 'bens' de valor, bens de alto preço, 'preciosidades'... para eles...

A choca ficou desolada, entrou em depressão. Aquela garnisé branca foi a mais sensível da pequena família de galináceos. Quando os cães atacavam, ela entrava na nossa casa (e não na casa dela...) e subia as escadas para a cozinha, se escondendo atrás dos vasos de flores, porque confiava nos 'humanos', na nossa lealdade. Lealdade que falhou quando esquecemos de praticar empatia, de nos colocar no lugar dela. Ela morreu de tristeza: afastada dos filhos, perdeu o apetite, a alegria cantante, a vontade de viver.

Falta ou excesso de amor, a soberba e a ilusão de controle sobre nós e, principalmente, sobre os outros, corroem nossas saúdes: saúde social, saúde psicológica, saúde mental, saúde emocional e ... saúde física.

Eu procuro escutar meu corpo, que diz do que necessita e informa quando erro. Nós dois – eu (minha mente) e meu corpo – dialogamos, aprendemos com as experiências e planejamos atividades de manutenção e de melhorias, dentro do que consideramos possível.

Se quisermos o impossível, as ilusões poderão nos arrastar para os abismos da prepotência e da vaidade. Se eu e meu corpo estivermos em desarmonia, nós dois sofreremos e sepultaremos preciosos momentos de vida num passado lamentável.

O CASAMENTO

O casamento, hoje e historicamente, se assenta sobre palavras carregadas de significado: matrimônio (o mônio da maternidade) e patrimônio (o mônio paternidade).

Com as mudanças radicais na organização social dos últimos anos, o papel de criadeira de filhos atribuído à mulher deixa de ser uma obrigação para ser um privilégio. Antes, ela era obrigada a gerar filhos; agora ela pode gerar filhos. Até há pouco tempo, uma mulher ‘não-parida’ era considerada ‘falhada’, indigna e sem valor social. Era marcada com um estigma, do qual deveria envergonhar-se. Atualmente, a geração de filhos é considerada um ‘ato de coragem’ e não mais um ‘destino’.

O homem – por sua vez – se livra do fardo de provedor, cuja obrigação foi construir e manter a casa, sustentar a criadeira e as crias.

Os filhos, que secularmente foram gerados para ‘trabalhar para os pais’, deixaram de ser ‘mão-de-obra familiar’. Protegidos por leis ou mimados pelos pais, as crianças e os jovens já não trabalham nem para si, muito menos para os pais. E a obrigação filial de acolher e dar abrigo e alimento

aos pais envelhecidos também se diluiu: a maioria dos homens e das mulheres, quando chega à velhice, independentemente da condição de ter tido filhos ou não, depende exclusivamente das reservas que fez, do abrigo público ou de favores alheios.

FILOSOFIAS EM EDUCAÇÃO

Entre 1971 e 1982, eu lecionei em quatro colégios no município de Canoinhas SC. Foram experiências importantes na minha formação profissional.

Eu havia trabalhado no ‘Grupo Escolar’ em Ipoméia e, durante dois anos, na Escola Isolada de Rio Preto, que esteve sem professor durante oito anos, desde que a comunidade expulsou o ex-militar pedófilo que estava na função. Essas duas oportunidades consolidaram em mim a vocação pelo magistério, pela Educação. As administrações e as comunidades colaboraram bastante comigo e me incentivaram a continuar os estudos pedagógicos. Por isso, prestei vestibular para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória.

Como não consegui vaga para trabalhar naquela cidade, seguindo orientações, aceitei trabalhar no Colégio Sagrado Coração de Jesus, de Canoinhas, de onde eu poderia ir diariamente para a faculdade, pois havia ônibus fretado por outros estudantes dali.

Chegando à cidade, fui acolhido e orientado por grandes mestras, com as quais muito aprendi,

principalmente, com os exemplos de abnegação e de dedicação ao desenvolvimento intelectual das crianças e dos adolescentes.

Iniciei no Colégio Sagrado Coração de Jesus, que, apesar de funcionar em parceria com a Secretaria Estadual de Educação, mantinha o carisma religioso, com freiras na direção do estabelecimento, e atendia, preferencialmente, os filhos de famílias católicas. Na prática, continuava a ser uma ‘educação cristã’, mesmo que os demais agentes educativos fossem funcionários públicos estaduais.

Muitas mestras me ajudaram e me incentivaram. Se citar nomes, irei, com certeza, praticar injustiças, pois muitas foram as pessoas que acreditaram em mim e me ajudaram. Vou correr esse risco ao nomeando uma das que eu mais admirava, pelo seu profissionalismo e pela total entrega à formação dos jovens: Isabel Matos Mota.

Antes de completar um mês letivo, a professora Marina Soares assumiu aulas no Colégio Santa Cruz. Ela alegava problemas pessoais e me mandava dar aulas de Matemática no lugar dela, criando espaço para que o diretor Elói Bona me conhecesse. Uma semana depois, fui chamado à sala da direção e convidado a assumir aulas em meu nome, incluindo as que a professora Marina havia assumido.

O diretor me disse que havia acompanhado algumas aulas minhas pelas frestas da janela basculante com vidros ‘martelados’, janelas que davam para o corredor interno ou varanda. Disse que eu poderia escolher quantas aulas quisesse e, em março de 1972, me incentivou a abandonar o Curso de História na Faculdade de União da Vitória e prestar vestibular na UFSC, para o curso de Matemática, “porque havia muitos professores de História, porém, faltava professores de Matemática”.

Ainda em 1971, Hildegard Thiem, me convidou para trabalhar na Escola Básica Almirante Barroso e, a partir de 1976, passei a fazer parte da equipe de professores da Escola Básica Manoel da Silva Quadros, conduzidos com sabedoria pela diretora Avani Castagna Dittrich Jürgensen.

Além de relatar as boas lembranças desses tempos vividos em Canoinhas, registro minhas percepções sobre as diferentes filosofias de educação, os diferentes princípios pedagógicos seguidos em cada uma dessas escolas na época que ali trabalhei.

O Colégio Sagrado Coração de Jesus, coerente com seu nome, seguia a doutrina de Cristo, num ambiente inefável, quase religioso. Inicialmente, uma escola religiosa feminina. Os alunos, filhos de famílias católicas, bem comportados, observavam,

com resignação, o que determinava o regimento interno, conforme o “padrão Sagrado de ensino”.

Do outro lado da cidade, o Colégio Santa Cruz, que funcionava desde meados do Século XX, atendia os anseios dos “colonos alemães que queriam dar aos filhos uma boa educação”; iniciou como Colégio Marista, com disciplina quase militar, nos padrões jesuíticos: “disciplina, estudos sérios, educação integral, ensino religioso e boa organização”.

Assim, as famílias canoinhenses poderiam dar educação escolar para meninas (Colégio Sagrado Coração de Jesus) e para meninos (Colégio Santa Cruz). Além de os luteranos também poderem contar com escola própria.

Para atender as famílias que preferissem dar educação laica aos filhos (do Grego, laikós, do povo), a comunidade poderia contar com a EEB Almirante Barroso, que havia iniciado em 11 de junho de 1935 como Grupo Escolar Professora Ana Cidade e, em 1947, passou a ser denominada Grupo Escolar Almirante Barroso. Havia também o Colégio Agrícola Vidal Ramos oferecendo formação técnica para os filhos de agricultores.

Recentemente, li que houve enorme evolução nesses educandários e que o Município de Canoinhas conta com muitas outras boas escolas.

ESPÍRITOS LÍQUIDOS

Nessa madrugada, acordei grávido e cansado: fiquei indeciso se gestava ou se descansava. Optei por aproveitar o amanhecer espirituoso.

Podem ser encontrados espíritos de várias espécies e em formatos diversos. Existem espíritos absolutamente sólidos e espíritos totalmente líquidos, porém, são poucos; em geral, são formados de misturas ou são derivados, ensopados e, até, em boa parte, pastosos.

Há espíritos voadores e espíritos rastejantes. Uns com ideias elevadas, sobrevoando as alturas; outros, pensando mesquinharias, se alimentando de lixo midiático. Existem espíritos migratórios e espíritos telepáticos, que transitam pela variação de pensamentos, procurando oportunidades para compartilhar utopias. Existem espíritos sem direção e espíritos bem dirigidos; enquanto uns atropelam e machucam as palavras, outros se movem com harmonia por entre os obstáculos mentais. Há espíritos turistas perambulando pelas redes sociais, que gastam os dotes naturais e deixam lixos intelectuais.

Alguns espíritos são predadores: destroem vidas ao redor; predam as vítimas

impiedosamente e expõem dejetos viscosos, fétidos e repulsivos. Mentes predadoras se alimentam de ideias roubadas e defecam ideias-esterco que são absorvidos e republicados por seus ‘seguidores’; transformam os venenos dos maus em alimento para outros espíritos maléficos.

Existem espíritos vegetais, que fixam raízes, e espíritos parasitas, que sugam os espíritos hospedeiros. Os espíritos semeadores preparam as sementes para germinação facilitada. Catam e espalham ideias raras; as que caem em mentes sadias proliferam boas ideias; muitas se perdem na aridez do egoísmo.

Há também espíritos que andam de cabeça em cabeça polinizando mentes abertas. E, ainda, produzem o mel do conhecimento, para si, para os espíritos preguiçosos e para os que produzem venenos.

Os espíritos cruzam-se entre si, gerando espíritos mestiços e subespécies espirituais. Porém nem sempre as gerações confirmam a genética espiritual. Muitas vezes, os espíritos-filhos contrariam os espíritos maternos e/ou paternos; saem tão diferentes dos espíritos-ancestrais que nem parecem ser filhos deles. Sempre há algum espírito espúrio na família. Felizmente, são exceções na espiritoteca dos genitores.

Os espíritos líquidos ou gasosos, ao encontrarem espíritos rígidos, contornam esses estorvos e seguem seus caminhos. Por pura

bondade, ao passar por espíritos endurecidos, lapidam um pouco da estupidez empedernida. Os espíritos líquidos e os espíritos gasosos têm também esse poder: o de desgastar as ideias calcificadas nas múmias-vivas, enquanto eles seguem íntegros e enriquecidos. Como a água e o vento, passam pelas ‘pedras’ sem se desgastarem.

Espíritos belicosos espalham intrigas e guerras, espíritos sórdidos contaminam espíritos ingênuos, espíritos mesquinhos enriquecem de futilidades, espíritos insatisfeitos geram evoluções e revoluções, espíritos migratórios se adaptam a mentes exóticas e compartilham raízes culturais.

Escrito originalmente em 08outubro2015.

COTÓ

No dia 03.01.2025, logo após o meio-dia, um lagarto-do-papo-amarelo, grande e faminto, invadiu o cercado das garnisés, atacou uma delas, dilacerando a canela esquerda, e entrou no galinheiro pela portinhola pela qual as galinhas passam. Porém, não conseguiu atacar a choca e dois ovos de arancuã que estava dentro de uma gaiola no chão, porque estavam protegidos por tela de aço.

Foi preciso decepar o pé que ficou preso apenas pelos nervos.

A garnisé, atacada pelo lagarto no dia três, hoje, conseguiu subir os seis degraus da escada e acessar o poleiro debaixo do telhado do galinheiro.

Deu lição de coragem, de determinação e de vontade de viver.

Ela evoluiu nesses dezesseis dias, cada dia um pouco, e esperamos que continue vencendo as dificuldades e se adaptando sem o pé esquerdo.

Nos primeiros meses depois da tragédia, a garnisé Cotó emagreceu muito e a crista foi empalidecendo. Considerei que fosse alguma espécie de depressão avícola e continuei

observando, até perceber duas marcas pretas sobre o bico, uma em cada lado. Segurei e ela reagiu com indignação. Notei, então, que as bolinhas pretas eram de terra encasquetada sobre os dois orifícios nasais.

Levei a Cotó pra debaixo da torneira em que jorra água vinda direto da fonte e lavei o bico dela com uma escovinha macia. As reações intensas de defesa foram amainando até ela sossegar de todo. Levei de volta para o galinheiro e fiquei observando a alegria dela respirando aliviada. Conclui que, tendo um só pé, ela não consegue ‘limpar o nariz com a unha’. Nos dias subsequentes, observei que ela tinha voltado a se espanejar na terra seca e entendi que essa terra umedecia com a secreção nasal formando massa sólida.

EFEITOS DE ESTRESSE

Um lagarto invadiu o cercado das garnisés e triturou a perna esquerda de uma delas. Todas ficaram abaladas. Vez em quando, o lagarto entrava sem atacar; estavam ‘confiadas’.

A vítima perdeu o pé e entrou em depressão. Uma outra das brancas, a partir do dia seguinte, perdeu a maioria das penas. Outra ainda teve infecção intestinal. Efeitos do estresse agudo.

Durante esse episódio, percebi que a garnisé mutilada falava como choca. Muitos diriam “cantava de choca”. Penso que as poedeiras (e as felizes) cantam, todavia, com outra entonação. Conclui que a vocalização de choca pode ser demonstração de desconforto e de calor/febre que ela sentiu. Depois de anos observando e ‘conversando’ com elas, tenho a pretensão de afirmar que as modulações de voz são ‘construções frasais’ que traduzem ideias. Procurei prestar atenção no canto dos pássaros; porém, não identifiquei nuances vocálicas.

Lembrei de um colega de trabalho folgado, que vivia dando palpites. Tinha uma cabeleira viçosa; cabelo preto, vigoroso, com brilho natural. Quando exagerou nas fanfarronadas, foi nomeado

supervisor, com oportunidade de pôr em prática toda sabedoria; ele sempre sabia o que deveria ser feito, o que os outros deveriam fazer.

Na manhã do dia seguinte, apareceu para trabalhar com a pele ressecada e com o cabelo opaco esvoaçando à menor brisa. Sério, só falou o estritamente necessário. Na segunda manhã, reparamos que o cabelo estava mesclado de branco-pardo com preto. Veio trabalhar com olheiras no terceiro dia de ‘chefe’. E, no quarto dia, abatido, pálido e sonâmbulo, pediu renúncia do cargo.

Lembro também de ter lido que um artista, nomeado para um ‘cargo importante’, depois de um mês no poder, estava com os cabelos totalmente brancos.

E – erroneamente – há quem diga que a PAZ é branca.

01.01.2025

AS ARMADILHAS DA INDÚSTRIA MÉDICA

08.12.2024

Para confeccionar novos óculos, eu costumava visitar um especialista. Naquele ano, atendendo uma indicação, visitamos a clínica de Celso Borges de Souza. Na recepção, a máquina emitiu uma papeleta com as medidas da minha acuidade visual. Chegada minha vez, o oftalmologista conferiu e testou pequenas variações, sempre perguntando em qual opção testada eu via melhor.

Concluída a averiguação, ele emitiu a ‘receita’. Perguntou onde morávamos e quis informações sobre que árvores ele deveria plantar num terreno devastado que ele havia ‘comprado para fazer um sítio’. Eu estava dissertando sobre árvores e procedimentos florestais quando ele, dramaticamente, se postou no meio da sala e declamou: “Você está ficando cego.”

Primeiro, admirei a arte teatral dele. Em seguida, me perguntei como estaria ficando cego sem nem mesmo perceber. Ele confirmou em números: “Você já perdeu 70% da visão no olho esquerdo e quase 73% no olho direito.” Eu enxergava do jeito que sempre enxerguei... Difícil acreditar. Mas, o homem era autoridade no assunto, acabei comprando o colírio que ele

receitou. Orientado por ele, passei também por exames de tonometria e de retinografia, numa clínica no Centro de Tubarão, em que fui maltratado, desrespeitado e humilhado.

Aos poucos, os efeitos colaterais do ‘santo remédio’ começaram atacar minha saúde. Voltei ao consultório e ele trocou a droga. Trocou mais uma vez e eu, só piorando. Comecei a ter problemas nas pernas. Reli as bulas, pesquisei e descobri que os ‘abençoados colírios’ causavam Miastenia Gravis; meu organismo criava anticorpos como defesa imunológica aos colírios para combater o glaucoma, bloqueando a comunicação entre o sistema nervoso e os músculos das coxas. Eu caminhava cinquenta metros e sentia ‘as pernas moles’.

Contei para meu irmão Milton e ele sentenciou que eu tinha consultado profissionais desonestos; que os melhores estavam na Grande Florianópolis e indicou uma clínica ‘de confiança’, próxima à casa dele. Marcamos consulta e estivemos lá. A Oftalmologista, a jovem Juliana Gewehr, era ‘médica do Hospital do Exército de Florianópolis’. Ela vistoriou meus olhos de frente a fundo e confirmou o grau de cada lente. Disse que estava tudo bem e que deveria voltar no ano seguinte.

Surpreso que ela não tivesse percebido a minha ‘quase total cegueira’ decretada pelo Celso, pedi que repetisse os exames de fundo de olho. Ela

contemporizou que, pelo plano de saúde, teria de retornar dali a seis meses. Então, paguei para ela repetir os exames. Os resultados também se repetiram: “tudo bem, sem problemas” – disse ela.

Relatei o ‘drama’ encenado pelo Celso e que eu havia abandonado o uso dos colírios prescritos por ele. Ela concordou que eu não precisava e nem devia usar colírios para combater glaucoma que nunca tive. “O que você enxerga no fundo dos meus olhos” – perguntei. “Um fundo normal” – afirmou a profissional. “E não tem lesões, marcas de lesões, como o Celso afirmou?” “Não. Tudo normal. Como todo olho tem um ponto no início do nervo ótico.” “De que tamanho?” “Do tamanho da ponta de um alfinete.” E concordou comigo que não deveria mais pingar colírio nos meus olhos. Em poucas semanas, eu já caminhava com segurança, com pernas obedientes.

No ano seguinte, voltei ao consultório em São José e a médica confirmou a saúde dos meus olhos. Porém, na terceira consulta, a médica encontrou um glaucoma em cada olho. Recomendou que aceitasse passar por um exame na máquina que a clínica acabara de comprar. De fato, a máquina acusava a progressiva falência de meus nervos óticos. E ela receitou um outro colírio para combater o glaucoma; um colírio ‘sem efeitos colaterais’... pra ela... pois, voltei a sentir fraqueza nas pernas.

Por insistência do Milton, meu irmão, marcamos consulta no Hospital de Olhos de Florianópolis, com um ‘médico de São Paulo’, especialista no assunto, Henrique Dornbusch de Campos. Pediram que fosse de transporte coletivo, pois precisaria ‘fazer dilatação de pupila’. Chegamos no início da manhã, bem antes do horário marcado. Depois de muita demora, pingaram o dilatador. Esperamos bastante pela consulta, pingaram o dilatador, ... E, enfim, um atendimento na sala do ‘doutor’, muita embromação, “fica para a tarde.”

Voltamos no início da tarde e a embromação continuou, não havia vereditos: nem sim nem não. “Voltem para a sala de espera. Logo eu chamo vocês”. Sentamos e esperamos. Pela porta da sala, entravam outros ‘doentes’, vendedores de colírios, representantes comerciais, ... Reclamamos que ‘estávamos de ônibus’ e que ‘estava chegando o horário de embarque’. O ‘doutor’ nos atendeu na presença de um vendedor com cara de conivente e pediu que fôssemos a Içara, no consultório particular dele. Ele até marcou o dia e a hora que atenderia.

Içara??? Mas... o médico não vinha de São Paulo uma vez por mês??? Bem. Ir a Içara seria bem mais fácil do que ir a São Paulo. E fomos.

Em Içara, também houve embromações e, por fim, nos atendeu pavorosamente. Conversas

vazias, nenhuma assertividade. Muitas delongas: dava voltas e não se posicionava, não afirmava nem negava; resvalava em divagações.

Quando falei para ele que eu estava narrando para os irmãos e para os filhos a interminável análise de possíveis glaucomas, o ‘doutor’ mudou de estratégia. Disse que tinha me chamado ali porque no Hospital de Olhos de Florianópolis tinha que ‘mostrar serviço’, que deveria evitar falar a verdade. “Verdade??? Que verdade???” “Todos nós temos uma marca, tipo uma pequena cicatriz no fundo dos olhos, bem onde inicia o nervo ótico. Teus olhos são normais.”

Poderíamos ter voltado para casa alegres por ter saúde ocular e por poder jogar no lixo os colírios. Entretanto, eu precisava entender toda malandragem oftálmica. Pesquisei e soube que os colírios deveriam reduzir a pressão intraocular (PIO). E que a PIO é considerada normal até 21 mmHg. Analisei todos os resultados de desde quando comecei a usar óculos. Antes de eu usar colírio, a PIO oscilava em torno entre 9 e 10 mmHg. A partir do ‘santo remédio’, a pressão se manteve 4 mmHg acima; isto é, em torno de 14 mmHg.

Compreendi também que os médicos ‘descobrem’ cataratas e glaucomas a partir da aquisição de uma máquina cara que eles pagam com o aumento artificial de casos ‘anormais’. Ou seja, exploram os bobos que confiam neles.

RETORNANDO AO NADA

Vou vivendo a velhice, dentro de limites cada vez mais próximos de mim e do fim. Cada vez, mais pouco. Talvez, desfazendo o caminho de meus primeiros dias: criança, bebê, feto, embrião, ... A solidão passa a ser mais que estar sozinho; ultrapassa a condição corpórea e mergulha no afastamento social, familiar e, por último, no desejo de viver.

A Vida ofereceu mais uma oportunidade para aprender. O lagarto atacou as garnisés e triturou a perna esquerda de uma delas. Já havia uma ‘desanimada’ (sem *anima*, sem alma, sem vontade de comer; lenta, cada vez mais lenta. Pode ser que essa vítima do réptil também estivesse lerda, pouco preocupada com a sobrevivência. Depois de mutilada, abdicou de desejos, deixou de beber água e de comer. No início, quis se aproximar das ‘irmãs’; talvez, por hábito ou buscando segurança. Só se sentia motivada para engolir cigarras vivas. Nos primeiros dias, engoliu alguns grãos de milho, pouco picadinho de couve, nada mais. Está consumindo a própria carne, à espera da morte. Ainda não encontrei coragem para ajudá-la a morrer.

O fio eletrificado pode manter afastados os cães; não os invasores humanos (esses passam por cima do ‘perigo’). O fio eletrificado serve de ‘grito’ contra ‘os de fora’; devo deixar de ‘gritar’ com os amigos/inimigos internos. Logo, deixarei de prestar atenção a todos eles.

Se é que seja crime, plantei árvores, manejei colmeias, cultivei amizades, formei famílias. Deveria sentir arrependimento por ter fomentado a vida? Aos poucos e cada vez mais, as árvores estarão à mercê dos ‘lenhadores’; as negriceps, irais, manduris e mandaaias dependerão exclusivamente delas mesmas; os amigos farão outras amizades; e cada familiar familiará com outras pessoas (ou com animais ‘de estimação’). Minhas escrituras viverão por si mesmas ou não.

A diferença entre meus primeiros e meus últimos dias está na consciência do que vivo nesses últimos. Ao menos, nada lembro do que vivi ou senti nos meus tempos de embrião, feto, criança até três anos.

*Sítio Itaguá, manhã de domingo, 12 de janeiro
de 2025*

VER OU ENXERGAR

Quem está nadando, jogando pingue-pongue ou tocando violão tem percepção do que sente e, subjetivamente, de como se vê na atividade; quem observa, acompanha ou assiste, vê aparências. Porém, pelas aparências, pelos gestos e pelas mímicas (“o corpo fala”), o observador pode compor ideias do que o nadador, o tenista e o violonista podem estar vivendo e sentindo. Ao observar alguém em atividade (ou, mesmo, em passividade), podemos enxergar mais do que vemos. Enxergar é mais do que ver; além de ver, interpretar, entrever, avaliar, buscar significados, deduzir situações e elaborar sínteses.

Ao passar diante da UDESC e do cartaz sobre o evento LGBTQIAPN+, você analisou o que sentia e comparou teus sentimentos com os prováveis sentimentos do Jorge, se ele estivesse em teu lugar. Você imaginou o que ele poderia sentir, considerando os comportamentos do Jorge ultimamente e, de forma genérica, durante toda vida dele. Será que o Jorge faria o mesmo? Ou reagiria como ele reage contra o pai dele?

Ao ler um livro, assistir um filme ou ouvir uma canção, as pessoas reagem diferente umas das

outras (ou interação de forma singular). Você adere com facilidade ao que pensa o autor. Talvez e principalmente, porque foi um autor ‘escolhido’ por seus critérios. Também eu me identifico com o que escrevem os autores de ‘minha preferência’; e, como você, fujo de livros escritos por quem segue valores muito diferentes dos meus.

Mesmo, lendo autores que admiro, seleciono o que posso aprender e aponto ‘falhas’, sejam linguísticas ou sejam ideológicas. E sou franco em minhas críticas. Vocês detestavam quando eu aparecia na sala em que vocês estavam vendo filmes, porque eu, ao invés de mergulhar na atmosfera cinematográfica, encontrava defeitos e atrapalhava a assistência.

Tive ideia (talvez, você considere conceito) de cada um dos seus casamentos e acompanhei desfechos. Dos que foram desfeitos, ouvi relatos do que você sentiu durante e depois. Inclusive, do que você continua sentindo. Segredos nossos.

Óbvio que você vê de maneira diferente dos outros os casamentos dos outros, porque, além das aparências, deduz a dinâmica do casal. Ou seja, tem visão mais ampla e, possivelmente, mais diagnóstica do que os casais em observação.

Você diz que vejo nos outros o que eu sou. Questiono a generalização. Algumas pessoas conseguem separar o que são do que veem nos

outros. Nem, tampouco, sou apenas o que os outros dizem de mim. Como na Janela de Johari, tem uma parte que coincide de como me vejo e de como as pessoas me veem, tem o quadrante do eu que só eu conheço (minhas intimidades e meus segredos), o que só os outros conseguem ver em mim e o quadrante insoldável, ainda.

Temos racionalizações diferentes do que seja sensualidade e/ou sexualidade. Aliás, só nos últimos anos, fiquem sabendo que “existem diversas identidades de gênero e diversas orientações sexuais” [IA regenerativa]. Saber isso me ajudou a entender as pessoas com quem convivi desde a minha infância. Foi um alívio: tudo o que eu considerava esquisito passou a ser normal; posso deixar de olhar (e, muito mais, de enxergar) como as pessoas se sentem ou se relacionam. Porém, enxergar e tentar entender essas relações me ajuda a entender e aceitar nuances de mim mesmo e as diferenças condenadas pela educação formal.

O futuro trará mais ‘visões de mundo’.

02.01.2025

Afeto, do Latim, affectus, condição, estado, disposição; paixão, sentimento, afeição. Dicionário de Raulino Bussarello

CAÇULA

Caçula, do vocábulo quimbundo *kasule*, filho/a ou irmã/o mais novo de uma família. A palavra caçula também é usada, pelos bantos de Angola, *“para descrever um jogo entre duas pessoas que usam o pilão para socar o milho, o arroz ou outro grão, batendo alternadamente. Este movimento alternado também é conhecido como sula, que nesse contexto, corresponde a um sinônimo de caçula.”* Podemos comparar com a mãe e o pai socando alternadamente os desejos de influenciar a criança.

A formação, as características e os comportamentos de quem é caçula resultam de circunstâncias sociais, principalmente, da influência de familiares através de 'depósitos' psicológicos. Um dos pais ou os dois deposita(m), no último (ou único) filho(a), os desejos reprimidos *(segunda ou outra chance de realizar projetos ou planos pessoais frustrados por falta de oportunidade ou de capacidade de realizar algo)*.

A genética acaba 'levando a culpa' de heranças impostas como missão depositada no bebê, criança ou jovem, como se fosse o planejamento de uma obra material executada com falhas ou não executada. Há influências genéticas, sabemos.

Porém, o senso comum (linguagem de rebanho) encobre traços culturais inconvenientes (*manias e comportamentos anormais, modo de viver que destoa dos costumes e propicia má conduta; concessão de situação incomum, equivocada ou inadequada*) com a pretensa justificativa de que os desvios comportamentais decorrem de determinismos genéticos.

Nesses casos, o excesso de amor e a projeção de expectativas justificariam a bajulação que permite a licenciosidade das ‘pessoas amadas’ (*licenciosidade: “abuso de liberdade, desrespeito às normas e às convenções sociais; desregrado, indisciplinado”*). Esse distúrbio compensatório de frustrações gera mais frustrações e confusões na família. Receber a missão de realizar o que os depositantes não conseguiram (*por dificuldades naturais ou por ser busca utópica*) se configura como a pior das heranças; herança cultural e não predisposição genética.

E não precisa ser o último ou a última; basta que seja construída a anomalia social. A ‘síndrome do caçula’ pode ocorrer com o primogênito tardio, com a filha numa irmandade de muitos ‘masculinos’ (ou único filho-homem com muitas irmãs), filhos de qualquer gênero com limitações congênitas ou os cônjuges entre si. Essa relação doentia exacerba em caso de filho ou de filha que

se torna órfã ainda criança ou mesmo antes do parto.

Podemos encontrar o exemplo de caçulice plena quando os avós 'precisam' criar os netos porque as crianças ficaram órfãs ou os pais se divorciaram em busca de aventuras sexuais mais prazerosas que as conjugais. (netice, no caso)

As vítimas da Síndrome de Caçula podem aceitar, rejeitar ou reforçar o depósito afetivo. Quanto mais aceitam e reforçam a anomalia dessa relação interpessoal, mais dengosas e dependentes se tornam: quando assumem a caçulice, chantageiam atenções, se frustram por ninharias, permanecem infantis e não desenvolvem autonomia.

PENÚLTIMA ORAÇÃO DO PAI-NOSSO

O pai-nosso é um texto composto de dez orações sintaticamente coordenadas e subordinadas; muito rezadas e reoradas.

Começa com *“Pai-nosso, que estais no céu, santificado seja vosso Nome, ...”*. Exprime o desejo de que seu Nome seja santo; não ele próprio (deus), apenas o Nome. Muito menos o rezador...

“Pai-nosso, que seja santificado vosso Nome” é oração grávida, pois, traz, dentro de si, a oração subordinada adjetiva explicativa “que estás no céu”, esclarecendo que o orador (aquele que ora) está se dirigindo ao pai divino e não ao pai pecador que mora em casa. Importante ressalva, porque os ‘órfãos de pai’ podem ter dois pais no céu: um divino e um cristão. Isso, se o pai terreno, antes de morrer, se arrependeu dos pecados... Ou, talvez, esteja pedindo ao pai divino que corrija o pai humano nada santo, porque comete muitos pecados.

“Venha a nós o vosso reino e seja feita vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia, nos daí hoje e perdoai nossas ofensas como nós perdoamos a quem nos tem ofendido e não nos deixeis cair em tentação... Mas, livrai-nos do mal.”

Sempre rezo "Livrai-nos do mal" (repito, para mim mesmo e para os outros), a penúltima oração do Pai-nosso (palavra composta; nem pai, nem nosso; apenas o nome próprio da oração) que finaliza com "Amém", do Hebraico, "assim seja", declarando a nossa fidelidade e o firme propósito de acreditarmos no que falamos.

Para nós, temerosos humanos (que praticamos o temor a Deus...), reservamos a penúltima oração: "... livrai-nos do mal." Rogamos que nos livre do mal alheio, parece... Embora (síncope de 'em boa hora'), possamos sucumbir aos males que causamos a nós mesmos.

O pai-nosso é uma invocação – isso mesmo, uma (in)vocação –, uma não-vocação cristã, que representa a alienação pela fé, a abdicação de assumir a vida real, delegando a um deus as responsabilidades pessoais.

A vocação, ação de chamar de viva voz, apelo, chamamento, pendor, parece insuficiente. Então, os fiéis, conscientes de que não têm vocação, invocam a proteção divina, de deuses que eles mesmos edificam. Se tornam invocados, cismados, desconfiados da própria fé, preocupados, irritados e coléricos, até.

GENÉTICA CULTURAL

Quando criança, eu ouvia os adultos (principalmente, os idosos) dizerem dos bebês: “É a cara da mãe.” Ou “É a cara do pai.” “Puxou a mãe.” Ou “Puxou o pai.” Algumas vezes, eles viam semelhanças com um dos avós e com alguma tia ou algum tio. Meus interesses eram outros e nem pensava em traços hereditários.

Durante a infância e a adolescência, estive ainda mais absorto comigo mesmo. No início da idade adulta, dediquei toda minha atenção, todas energias e todo meu tempo para alcançar minha autonomia. (Vivia espontaneamente, sem intencionalidade consciente.)

Mesmo depois de aposentado, quando me dediquei ao plantio de árvores e às literaturas, as características genéticas mereceram pouco espaço na minha mente. Foi nessa fase que começaram a ocorrer mudanças na minha forma de analisar o passado. Parece que o cérebro amadureceu, passou a usar melhor os órgãos dos sentidos para perceber nuances importantes da vida vivida e das convivências pretéritas, o que me ajudou bastante no exercício de interpretar eventos para formar conceitos.

A ideia ‘dos mais velhos’, absorvida durante a juventude, de que somos reféns de determinações genéticas foi, aos poucos, sendo dissolvida por lampejos de racionalidade. Choques de realidade balançaram essa crença infantil. Leituras, depoimentos e a observação intencional ofereceram evidências de que a herança genética recebe influências do ambiente, do estilo de vida, das interações sociais e da época vivida.

Bastou observar algumas irmandades (conjuntos de irmãos), para notar que, ainda na infância e na juventude, aparecem muitas diferenças entre irmãos que viveram no mesmo ambiente e nas mesmas condições. Por isso, desde criança, cada um dos filhos do casal pode ter aparência diferente; consideramos que ‘são parecidos’ porque apresentam alguma semelhança visível, como tipo de cabelo, cor dos olhos ou formato da boca, das orelhas, dos braços, das mãos, ... Porém, irmãos não são pessoas idênticas, sósias, reprodução exata ou espelhada dos aspectos físicos ou comportamentais.

O pensamento crítico indicou que a ‘igualdade entre irmãos’ é forçada pelo entorno social, em especial, pela família, que julga importante que sejam muito parecidos. Porém, a forma como fomos vestidos e alimentados nos primeiros anos de vida pode influenciar mais que os cromossomos. Além do que os genótipos fraternos

não são congruentes entre si. E que importância tem sermos exatamente iguais?

Na minha família, os bebês eram enfaixados fortemente, imobilizados, para que não se mexessem, pois, poderiam ‘entortar’ os braços e/ou as pernas. O bebê, assim amarrado, se estivesse ‘bem arrumado’, conseguia mover apenas o pescoço e a boca. Eu, meus irmãos e meus primos passamos o primeiro ano de vida ‘enfaixados’ para não ‘ficarmos tortos’. Lembro que os bebês poderiam ser colocados no colo de qualquer pessoa como se fossem sabugos gigantes, um pedaço de pau ou uma estátua de madeira.

Uma das consequências desse ‘cuidado’ excessivo foi a pouca amplitude de movimentos dos braços; eu tenho imensa dificuldade para lavar minhas costas. Meus netos, que nunca foram ‘ensabugados’, têm articulações bem flexíveis, o que permite movimentação mais ampla dos braços e das pernas.

Naquela fase, as poucas oportunidades que tive de exercitar as pernas surgiam quando eu defecava nas fraldas; aí, eu era libertado das amarras para que limpassem minha bunda. Talvez, essa seja uma das causas das minhas limitações para caminhar longas distâncias ou por longo tempo: permaneci imobilizado quase que na totalidade do primeiro ano, pois, vivia mais comprimido que no útero de minha mãe. Todos os enfaixados aprenderam a

andar com mais idade e, óbvio, desenvolveram menos as pernas do que se fizessem exercícios naquele período.

Em outras regiões, com outra cultura, as crianças eram carregadas ‘a cavalo’ sobre as ancas dos adultos. Muitas dessas crianças crescem e vivem com as pernas tortas, arcadas, como as do Garrincha.

Irmãos que vivem a infância e a adolescência ao ar livre ou em ambientes poluídos terão pulmões bem diferentes, apesar da ‘fraternidade genética’. Se um dos irmãos nasceu e cresceu à beira de um lago ou de um rio, poderá ser exímio nadador; bem diferente do irmão ‘legítimo’ que nasceu e cresceu num deserto. A criança que andou de bicicleta terá melhor senso de equilíbrio que o irmão gêmeo que nunca andou de bicicleta. Eu nasci e cresci na floresta; subi em árvores desde pequeno: aos setenta e cinco anos, continuo subindo e me sentindo seguro sobre árvores, sobre árvores altas, inclusive. Se eu tivesse nascido e crescido numa cidade, talvez, subiria apenas em escadas de alvenaria com degraus regulares.

A minha crença no determinismo genético foi abalada pela leitura de uma reportagem sobre a ‘surpresa’ de um jornalista (e de muitas outras pessoas) com o aspecto físico, com os pensamentos e com os comportamentos de um filho adotivo, nascido no Rio de Janeiro e levado para a Europa

nos primeiros dias de vida por um casal de franceses. O aspecto físico, o modo de caminhar, as ideias, o sotaque, ... Ele parecia um francês nato; nada tinha de carioca.

Tempos depois, li um artigo científico sobre gêmeos univitelinos que foram adotados nos primeiros dias de vida por casais de diferentes nacionalidades: quando adultos, tinham aspectos físicos e comportamentos bem distintos, entre si.

Meu irmão e minha cunhada decidiram que as filhas gêmeas univitelinas seriam criadas individualmente, fugindo das convenções sociais, como dar nomes parecidos, vestirem as meninas com roupas idênticas, receberem adornos e brinquedos idênticos, ... Cada uma recebeu nome nada parecido, escolhia brinquedos diferentes e, na primeira ida à cabeleireira, optaram por cortes de cabelo muito diferentes. Apesar de serem gêmeas univitelinas (monozigóticas), o corpo de uma é longilíneo e o corpo da outra é brevelíneo (ectomorfo e endomorfo, respectivamente). Atitudes e comportamentos delas diferem em muito, também.

À medida que decidi observar, com atenção, aparências e comportamentos de casais, percebi que os cônjuges passam a agir em sincronia e desenvolvem semelhanças; com o passar do tempo vão ficando mais parecidos entre si e cada vez mais diferentes dos irmãos deles. Talvez, decorrência de

hábitos compartilhados, da mesma alimentação, das mesmas vivências. E, quando passam a residir em região climática e cultural muito diferente da que moravam anteriormente, surgem ‘adaptações’ corpóreas. Por outro lado, tendem a exacerbar a cultura em que viveram ou a assumir traços culturais do ‘povo do lugar’; não ficam no meio termo.

Aos poucos e cada vez mais, eu sentia estranheza ao ouvir ideias do tipo “sou como minha mãe”, “herdei a mesma aversão que meu pai sentia”, “tenho a mesma deficiência ocular que ...”, “essa dificuldade ... herdei de ...”, “tenho medo de ... como ...”, ... Parecia que as pessoas justificavam suas preferências e suas manias, transferindo a ‘culpa’ para os genes ou, pior, para os pais e avós deles. Eu procurava provas de que eram apenas ‘dogmas’ pessoais.

Ao ouvir explicações de como a Escola de Psicologia de Chicago (grupo de pensadores, epistemologia, gnosiologia) aplicava a noção de ‘imprinting’ ou cunhagem (desenvolvida por Conrad Zacharias Lorenz ao observar aves), especificamente, para a origem e para a fixação de comportamentos e hábitos humanos. Por essa teoria, as aprendizagens durante a infância e durante a adolescência ficam impressas no corpo do aprendiz e, dificilmente, serão removidas.

Se uma criança passar os dias com um animal, com um brinquedo (quicá, eletrônico), com uma babá ou com um pajem, pode que as aprendizagens com esses substitutos de pai e de mãe se fixem de forma indelével. Nas monarquias e casas-grandes, era comum os recém-nascidos serem entregues a uma ‘ama de leite’ e os adolescentes serem educados por preceptores (pedagogos ou mestres, que moravam na casa dos educandos durante o período de ensinagem). Pelos relatos históricos, podemos analisar se os filhos ficavam mais parecidos com as amas ou com os preceptores com quem conviveram do que com quem forneceu o óvulo e o espermatozoide. As moças e os moços internados em conventos para serem educados por monjas e/ou por monges, além de artes e de ciências, aprendem comportamentos, bons ou maus, lícitos e ilícitos; desenvolvem hábitos e personalidades similares às de seus educadores.

A Escola de Psicologia de Chicago observou crianças até a idade adulta e concluiu que o que aprendemos na “época crítica” molda o comportamento de forma indelével. Podemos comprovar isso em nossa família ou em nossa comunidade. Como os bebês e as crianças seguem ‘qualquer coisa em movimento’, quando expostos à televisão ou aos ‘telefones inteligentes’ poderão ficar condicionados para o resto da vida. Por

exemplo, os programas infantis de televisão podem influenciar no que serão quando adultos.

Nasci e cresci ‘no mato’, sem brinquedos de plástico (muito menos, eletrônicos) e sem luz elétrica. Inventei meus brinquedos e minhas brincadeiras, com os materiais disponíveis e com minha imaginação. Aprendi com meus pais a ‘fazer de tudo’, a resolver e consertar qualquer coisa. Sempre fui considerado profissional criativo, pessoa com ideias inéditas, pragmático. Devo essas características a minha invencionice infantil e às aprendizagens juvenis. Visualizo objetos e espaços na penumbra, ando no escuro (atento, devagar e com cuidado), procuro algo sem acender a luz e reajo sem pânico quando uma lâmpada queima ou falta energia elétrica; sou menos dependente da energia elétrica que a maioria das pessoas. Durmo e levanto cedo, como quando era criança. Vivo bem no silêncio, na solidão ou no convívio com uma ou duas pessoas. Fujo de aglomeramentos, barulho, multidões.

Os pais que fornecem ‘atrações’ frenéticas e contínuas desenvolvem a hiperatividade nos filhos e, depois, muitos atribuem essa psicose a distúrbios genéticos. Por outro lado, os pais que desejam que os filhos ‘amem cavalos’, podem conseguir isso promovendo o contato físico, interativo e constante das crianças com cavalos dóceis e confiáveis. Ou com cães, gatos,

passarinhos, coelhos, brinquedos, mídias, mitos, igrejas, ...

No Amapá, presenciei inúmeras vezes cenas de mães lavando louças, talheres, panelas ou roupas dentro dos rios ou dos igarapés, com as crianças soltas ao redor, brincando na água rasa. Perguntei aos que trabalhavam comigo se, vez em quando, uma criança morria afogada. “Muito raramente. Elas já nascem dentro da água; aprendem nadar muito antes de aprender a andar. No parto dentro da água, o bebê aprende a controlar a respiração.”

Existe a falácia (*raciocínio verossímil, porém, inverídico*) de que o organismo das fêmeas ‘sabe escolher’ os melhores espermatozoides (DNA adequado para seus filhos). Autolouvor de alguns biólogos, que querem atribuir mais valia a si mesmos e à sua ciência acadêmica. O que conta para as fêmeas são as condições que o pai tenha de bem alimentar e de defender seus filhos. No caso de humanas, que o homem seja forte e rico.

Como humano multifacetado, sou um ser complexo que exerce funções ambivalentes; faço, com facilidade e prazer, serviços ‘de homem’ e ‘de mulher’. Não sou escravo do sexo e valorizo pessoas indiferentes aos ‘encantos sexuais’. Tenho interesses ecléticos e desenvolvo habilidades em áreas aparentemente incompatíveis; sou curioso, quero aprender e busco o aprimoramento constante, a transformação de mim mesmo. Sinto

imenso prazer ao ajudar seres vivos. Participo das atividades domésticas e procuro colaborar (laborar com, trabalhar em parceria). Não sou macho dominador, pródigo, avarento ou promíscuo. Ou seja, meu modo de ser supera em muito a qualidade dos meus cromossomos.

Em Canoinhas (como em quase todas as aldeias), se aparecesse um homem de fora as moças cercavam e assediavam os forasteiros, mesmo que fossem apenas gabolas feios e pobres; muitas conseguiram sair de lá (e de outras aldeias), que era o objetivo vital delas. As que não conseguiam ‘carona para o mundo’, digladiavam por um ‘amor’ provinciano, mesmo, desde que o conterrâneo pudesse dar uma boa casa, alimentação farta e destaque social.

Outra forma de fugir na mesmice, da trabalhadeira e do destino de ‘reprodutora doméstica’, era “ir para o convento”. Se tivesse saúde perfeita, porque a Santa Madre Igreja rejeitava aleijados, débeis mentais, doentes e raquíticos; noviças, noviços, freiras e frades deveriam ser animais úteis... com espírito dócil. Algumas das ‘aceitas’ escolhiam voltar para a arena civil. (*No período colonial brasileiro, as mulheres ‘em perigo’ eram recolhidas em conventos, para serem protegidas dos ataques dos ‘brancos’.*) Muitas jovens buscavam a proteção dos conventos.

Analisando uma família, pontualmente, podemos ter uma matriz de como funciona o ‘amor’ (hormônios e interesses pessoais). Vamos ao caso:

A avó foi professora numa época em que a quase absoluta maioria da população era analfabeta e em que raramente uma mulher recebia proventos. Como ‘estrela na comunidade’, ela casou com um homem bem sucedido. Juntos, construíram casa confortável, patrimônio e status social. Os filhos deles conseguiram sucesso empresarial ou empregos bem remunerados, de preferência, governamentais.

Uma das filhas, além de conseguir o cargo de professora (como a mãe), ‘agarrou’ um funcionário de empresa estatal federal. Não conseguiu um ‘branco’; se contentou com um ‘negro’. Porém, um negro bem mais útil que os ‘príncipes’ brancos criados com caçulice: ele sabia cuidar de si, de sua roupa, de sua casa; além de exímio cozinheiro, um homem cortês e inteligente. (Costumo avaliar as pessoas por dentro, pela ética, pelas atitudes, pela consciência crítica, pelas atitudes, pelos comportamentos, e não pela aparência, pela cor dos olhos, pela estatura ou ‘beleza escultural’.)

Os netos receberam condições ideais para prosperar: chance de morar em casa confortável, de ingerir alimentos saudáveis e nutritivos, de frequentar escolas, de andar de automóvel, de ter

acesso aos bens culturais, ... ou seja, de permanecerem na elite social.

Será que foram os genes, os hormônios femininos, ... Ou foi a seleção (consciente ou inconsciente) do ‘melhor partido’ a cada geração? Seria ingênuo justificar esses ‘sucessos’ apenas pela herança genética. As moças se sentem mais atraídas pelo ‘carrão’ ou pelo ótimo salário e /ou pela fortuna dos rapazes do que pela compatibilidade dos genes delas com os genes dos noivos que caçam.

As sementes genéticas podem gerar tendências, que podem determinar aspectos de nossas individualidades (personalidades). Por outro lado e de forma mais ampla e intensa, a cultura pode ser absorvida e semeada até o último de nossos dias, por compartilhamento ou por contágio do que somos e do que os outros são; do que/como fazemos e do que/como os outros fazem.

Os bens culturais (princípios éticos, saberes, práticas) e as características coletivas (hábitos, instituições, crenças, modelos, tradições) são absorvidos e transmitidos, consciente ou inconscientemente, voluntária ou involuntariamente, durante toda a vida e não só no ato da concepção genética, no fugaz momento da celebração sexual.

Por outro, muitas teorias (que são um traço cultural) atribuem aos cromossomos ‘hereditariedades’ forçadas. Esses autores, sem análise crítica, talvez até inconscientes de que as narrativas que podem reverberar (ecoar, se reproduzir e serem ampliadas com a contribuição de outras pessoas e da Sociedade), geram ‘verdades’ e dogmas.

A IDADE DOS MÚSCULOS

Postura (alinhamento do corpo), deve ser orientação de alguém com menos de 50 anos; se tivesse 75 e vivido os esforços físicos que vivi, evitaria iludir. Dia desses, conversando com o Cleiton, eu disse: “As opiniões de um médico de 30 anos serão muito diferentes quando ele tiver 80.” A nonna Maria Luiza Vicari ouviu o médico dizer “se não morrer do coração, entre 60 e 62, vai longe.” (ela tinha passado um princípio de enfarte do miocárdio). Ele tinha bem mais que 63... A Nonna ainda viveu muitos anos.

Garanto que a postura corporal não devolve a musculatura e a energia da juventude. Sem postura será ainda pior; porém, alongamentos e postura ‘correta’ também cobram esforços e ‘premiam’ com dores. Por orientação (e por conselhos da IA) fiz muitos exercícios (inclusive, de alongamento) e passei por muitas dores musculares. Depois, li na Superinteressante que movimentos rotineiros adequados para minha idade podem curar o cansaço e manter melhor meu pouco vigor da velhice.

Posso descrever vários processos corporais, fisiológicos, fases e pós-fases. Talvez, outras

peças também percebam as dificuldades de cada idade; eu percebo e escrevo.

A pele, por exemplo, envelhece conforme viveu ou foi abusada. Quem expôs, sem cuidados, a pele aos raios UV e a produtos químicos terá maiores problemas com a pele.

Aliás, todo produto químico (medicamentos, por exemplo), deixa fragilidades. Nosso vizinho Manoel dos Santos (71) passou semanas na UTI para superar a COVID; nunca mais teve saúde, esteve internado muitas vezes e já faleceu.

Mentir para o corpo, como condicionar o ar, também deixa fragilidades. O uso de água aquecida, de ar condicionado, de analgésicos, de antitérmicos, ... fragilizam o organismo. Lembra do anti-frágil? E do 'cisne negro'. Para quem foi criado em estufa ou passou muito tempo numa UTI, basta um 'cisne carijó' pra sucumbir. O Taleb (se não me engano...) cita a resistência que o príncipe da cidade de Ponto com ingestão de doses cada vez maiores de veneno; ficou tão resistente ao veneno que, quando quis se suicidar, teve de pedir ao general que o matasse...

Um jovem pode forçar a 'postura' sem sentir dor nas costas e nas coxas; eu escolho com qual dor quero me postar... Aos 17 anos, eu jogava três partidas de futebol no domingo e amanhecia cabriteando na segunda-feira. Aos 75, canso em

duas horas e preciso de três dias pra me recuperar. Devagar, fazendo pausas, trabalho sem cansar. Isso que não tenho problemas ósseos, articulações doloridas. O Gilvan, com uma cirurgia no joelho e marcas do Aikidô, terá problemas mais cedo e talvez mais limitantes. Resisto bem às variações atmosféricas, desde que tome certos cuidados, como usar máscara e gorro nas manhãs geladas, não expor demais o corpo aos raios UV, evitar molhar as mãos, ...

Olho seco, secura nas cavidades nasais, sede, ... é uma fase ... Vou evitar demarcar uma idade, porque pode variar muito de pessoa para pessoa. Tenho outras conclusões que poderão ajudar meus filhos, se eles tiverem interesse e ... humildade. Aliás, o Jorge está muito humilde e pronto a admitir erros e a refazer serviços. Estou muito contente com os três, dos quais tenho notícias. Imagino que a Mariane esteja vivendo bem... do jeito dela.

DEUS, UM DELÍRIO ... COLETIVO

Eu tenho opinião diferente das opiniões do Richard Dawkins e do Gilvas.

<https://mail.google.com/mail/u/0/h/1k1ikw0z3w40a/?&th=16787f1e759d0133&v=c>

Deus existe. Sempre um deus coletivo; nunca ouvi falar em deuses individuais; um deus para si mesmo.

Existem muitos ‘de eus’; milhares ‘de eus’. Cada vez que algumas dezenas de pessoas se congregam e se concretam numa ‘verdade’, cada vez que algumas dezenas de eus se sentem irresistivelmente atraídos por uma ideia, esse pensamento se torna ‘ideia fixa’ sobre espiritualidade, etnia, identidade de gênero, medo da morte, martírio, futebol, política, penitência, finanças, economia, estrelas, animais, nacionalismo ou liberdade utópica.

A comunidade adepta constrói um coletivo ‘de eus’ que passa a comandar as subjetividades; pessoas que acreditam em horóscopos, superstições, magias, bruxarias, simpatias, benzeduras, mau-olhado, sucesso, destino, riqueza e compensação celestial.

Para que uma ideia fixa ou uma crença se torne religião, basta que sejam eleitos guardiões. “Muitos são os chamados; poucos, os escolhidos.” O guardião tem a missão de guardar a verdade que foi divinizada, de proteger os crentes que, ao acreditarem cegamente, perdem o senso de realidade, de fiscalizar o cumprimento integral das obrigações dos fiéis seguidores e de administrar os tabernáculos que guardam almas e segredos. Daí a existência de confessionários...

Tudo o que for sagrado deve estar protegido em sacrários. Surgem os templos para abrigar as ‘riquezas espirituais’ e um guardião dos guardiões para organizar a estrutura da igreja; uma hierarquia de guardiões.

Assim, nascem as religiões: na contínua e cada vez mais intensa convicção da verdade tornada absoluta para pessoas que se prendem indissolúvelmente a um agregado ‘de eus’; pessoas que, guiadas por um salvador, se ligam, se religam e se sustentam em procissão rumo ao paraíso e/ou ao lucro prometidos.

Pode ser que seja apenas um processo natural, como os processos físico-químicos fundamentais. Quando alguns (ou muitos) elétrons são atraídos irresistivelmente por um núcleo formado por prótons e nêutrons, passam a formar um átomo; quando um ou vários átomos se unem permanentemente uns aos outros, formam

moléculas; o aglomerado de moléculas forma matérias, corpos, ligas, artefatos, ... reconhecidos internacionalmente.

Nas Ciências Sociais, as ideias se estruturam em conceitos, teses, sínteses, definições, teorias, doutrinas, ... Os cientistas são guardiões das verdades científicas; nesse sentido, os cientistas são os sacerdotes da Ciência.

“É mais fácil desintegrar um átomo que remover um hábito.” Albert Einstein E que diluir uma crença.

Porém, as instituições – como o dinheiro, por exemplo – só existem enquanto acreditamos nelas.

IDEIAS COLETIVAS

Por incrível que pareça, os problemas e as soluções didáticas continuam sendo os mesmos.

A maioria dos instrutores, treinadores, professores e facilitadores ainda continua “dando aula” para si mesma. Doam ou vendem, sem entregar, o ‘saber deles’, a sabedoria particular. Ou seja, a maioria se coloca como centro do processo. Mais que isso: se coloca como quem sabe.

Óbvio, as tecnologias estão cada vez mais diversificadas e mais aprimoradas. Todavia, a didática (pedagogia ou competência oratória) é muito mais um modo como os profissionais buscam, organizam e aplicam as tecnologias, os conteúdos, os fazeres, as pesquisas ou experiências do que a soma de genialidade, tecnologia disponível e sabedoria acumulada.

Existe um número estatístico que aponta para 16% de alunos ou professores realmente conscientes de suas funções e de suas responsabilidades. Dias atrás, troquei mensagens com o autor de um artigo publicado em Profissão Mestre, nas quais eu afirmo que essa era a parcela de pessoas (alunos e professores) que estavam na escola antes de 1967, ano da reforma do ensino

que passou a considerar obrigatória a matrícula de todos os jovens de 7 a 14 anos. (Hoje, é dos 6 aos 17 anos) Atualmente, 16% dos alunos e dos professores continuam na escola por opção; os demais, por obrigação.

O som da própria voz é sedutor, encantador. Isto dificulta imensamente a ação do pedagogo ou de qualquer um que se propõe a ensinar algo pelo canal da fala. Penso que nossos movimentos também nos encantem; somos vaidosos e acometidos de narcisismos, permanentes ou temporários. Como sair do nosso umbigo e chegar aos outros? Como dosar nossa necessidade de expressão para que ela sirva ao intuito de ensinar?

O poder sempre é sedutor. Políticos, professores e sacerdotes recebem muito poder e – no mais das vezes – confundem a importância da atividade com a importância pessoal, provavelmente, bem menor. Por exemplo, um locutor de rádio ou de televisão acaba envolvido pelo poder da palavra ... que nem é dele, é alheia, escrita pelos redatores, lida e logo esquecida. O poder é da média (mídia). Entretanto, muitos se iludem pensando que eles são ‘O Poder’.

Eu mesmo, ao escrever, preciso ter consciência de que as ideias são sempre obras coletivas, geradas no embate intelectual, e não individuais, como que espontâneas. Não. Nunca. Sem o desafio, nós dois – e todos os demais humanos – não

pensaríamos, falaríamos e escreveríamos textos edificantes. Você é provocação. Eu sou provocação. Os fatos nos provocam e ... no confronto das opiniões, construímos 'grandes' ideias. Por isso, os que não aceitam contradições nada criam. Para germinar, a criatividade precisa do diferente, do oposto, do inusitado, do ridículo, do incompleto... O inédito nasce da diversidade e da discordância.

13.03.2018

POLÍTICOS, SANTOS E DEUSES

Há 7.000 anos, o homo sapiens sapiens domestica plantas e animais para seu uso. E muitos humanos guerreiam com as mais diversas armas e para os mais diversos fins: pilhar alimentos, ouro, pedras preciosas, mulheres, ... praticar sexo (e favorecer a variabilidade genética...), conquistar territórios, aprisionar inimigos para receber resgates, formar um estoque de escravos para si ou para vender, ...

Também, desde os primórdios, acreditaram em deuses (ou criaram seus deuses) e procuraram agradar as divindades. Espertos, ofereciam meninas em rituais de sacrifício (poupavam os meninos, que seriam machos no futuro...), enclausuravam meninas e moças virgens (seres puros) para oferecer aos deuses, queimavam vivas as mulheres que tivessem coragem de dizer o que pensavam ou não se submetessem (pensando ser um “ritual de purificação pelo fogo”), ...

Os judeus, os incas e os cristãos acomodavam os deuses dos vencidos em um panteão e os católicos permitiram que os machos também servissem a deus através da santidade (ermitões, mártires, ...), ... As privações e riscos para a saúde,

como a insalubridade, a fome e a sede, e o desconforto extremo ainda eram menos horrorosos que a morte. Além do que, seriam glorificados e colocados como modelos de virtude. Para o fogo apenas as mulheres, o “sexo frágil”, temido pelos machos e que deveria ser eliminado.

Durante milênios, desenvolveu-se um embate entre monoteísmo e politeísmo. E manteve-se um atrelamento insalubre entre política e governo. O Império Romano do Ocidente impôs, principalmente durante a Idade Média, o domínio do papado sobre os governos e a evangelização impositiva de todos os povos conquistados.

A Igreja Católica Apostólica Romana acomodou o politeísmo canonizando centenas de santos e permitindo que os ‘nativos’ nomeassem quantas nossas senhoras quisessem. Mesmo o monoteísmo foi ‘driblado’ com uma saída ‘esperta’: a Santíssima Trindade, onde coube um deus mítico (deus-pai), um deus humano (Jesus Cristo) e a religiosidade do povo (espírito-santo). E, para ‘manter acesa a fé de fiéis e de infiéis, as autoridades eclesiásticas negociaram com os governos (e com o povo) um denso calendário de feriados religiosos católicos (os ortodoxos e os evangélicos resgataram o monoteísmo primitivo).

Aproveitando o modelo de subserviência, as nações exploram os ‘mártires da pátria’ (políticos e militares que morreram, conscientes ou

inconscientes disso). E, para os financiadores (oficiais e oficiosos: banqueiros, latifundiários, comerciantes, industriários, burocratas, juristas, ...), os legisladores estabelecem o Dia dos Namorados, Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia dos Avós, Dia da Família, Dia do Amigo, Dia da Árvore, Dia da Água, Dia do Tabelião, ... , dia de cada profissão, até o Dia de São Nunca.

A IA ‘sabe’ que deuses são, de preferência, entidades masculinas e corrige minhas escritas quando coloco ‘d’ minúsculo. Afinal, deus é o máximo, merece meu (des)respeito. Rés-pecto, do Grego, coisa alheia, ‘dos outros’ e não minha.

CHORAR, FALAR, ESCREVER E SILENCIAR

Talvez, eu tenha conversado com minha mãe durante os últimos meses que estive no útero dela. Talvez, minha mãe falasse comigo e, também, meu pai e outros familiares. Talvez, eu tenha sentido o ambiente externo, ouvido vozes, percebido afetos, ...

Acredito que chorei ao aspirar o primeiro ar. E que continuei chorando até compreender que falavam comigo e reagir com 'grunhidos', monossílabos copiados do que eu ouvia. Em seguida, pronunciei os primeiros dissílabos possíveis de interpretar e, depois de meses, aprendi as primeiras palavras.

Durante décadas, desenvolvi a oralidade, a leitura e a escrita, que foram muito úteis para minha sobrevivência, para conquistar autonomia, para escrever textos (e até livros), expondo meus pensamentos, meu modo de estar no mundo.

Continuo revelando minha vida interior, porém, escolhendo as palavras, revelando menos minhas análises, ouvindo as contestações, esperando bastante para interagir, limitando interlocutores e assuntos. Disponibilizo o que falo ou escrevo para quem quiser ouvir ou ler.

Irei silenciando aos poucos ... até o silêncio final.

DANÇAR ... ENQUANTO CONSEGUIR

Para a Cecília e para o Gilvan:

Aproveitem cada dia, cada hora, cada minuto, cada segundo; aproveitem para caminhar, andar pela praia, nadar, correr, dançar, chutar dificuldades, pedalar, subir montanhas por trilhas íngremes, ...

Eu comemoro minha saúde, andando sobre assoalhos, subindo escadas, andando pelo pátio, visitando colmeias, cultivando plantas, lavando louça e roupas e dormindo bem, com poucos intervalos.

Os músculos pedem sempre mais repouso que atividade, o sistema digestivo restringe as gulias e a pele requer proteção e cuidados.

Minha mente ainda tem consciência do corpo e do entorno; ainda escrevo sobre o que não devo mais fazer.

RASGANDO A AUTOIMPORTÂNCIA

Só um leitor muito ingênuo vai acreditar que, durante a crise econômica da Grécia, em 2010, crianças encontraram dinheiro em uma casa abandonada e brincaram de rasgar dinheiro. Muita criatividade do autor do texto apelativo; as crianças gregas conhecem e sabem qual a função do dinheiro. Mesmo que não conhecessem e não soubessem para que serve, só um caçador de atenção imaginaria o absurdo.

Assusta que um doutor, professor de Filosofia e Estudos Culturais, da Universidade de Berlim, divulgue essa ingenuidade literária em palestras, afirmando que “Essas crianças gregas profanam o dinheiro, o capital, o novo ídolo, ...” Essas crianças estariam brincando de criticar o Capitalismo? Em seu último livro, o ‘doutor’ tece análises críticas pouco lisonjeiras às ideias de outros cientistas, filósofos, professores universitários, ..., apontando equívocos, inconsistências e fragilidades teóricas. Por que ele não submeteu também essa narrativa ao crivo das “evidências científicas”?

O autor propõe algumas teorias plausíveis, sobre as quais podemos pensar, analisar a validade, concordar ou discordar. Se ele acredita

que crianças rasgam dinheiro, devo analisar com cuidado as demais crenças dele.

A falha mais grave dos semideuses da indústria editorial está na generalização implícita. Vivo no mundo bem diversificado, com comportamentos e interações bem variadas. Os ‘intelectuais por profissão’ formam um minúsculo clube que observo de longe. Sempre fugi de instituições elitistas, como academias de letras e clubes de escritores. Sou apenas um leitor crítico e escrevo por necessidade interior, sem fins lucrativos ou pretensões de glória literária.

O LUGAR DE ONDE FALO

Em *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire antecipa o que autores ‘descobriram’ no século seguinte: “O oprimido introjeta o opressor.” Ou seja, ele assume a função de substituir o opressor e passa a oprimir a si mesmo.

Os atuais autores-profetas (semideuses das ‘escolas superiores’) denunciam as doenças psíquicas geradas pela “positividade” do homem “hiperativo”, explorador de si mesmo. Sim. Avançaram para outro espaço de trabalho mental; mas, ainda não para todo campo social. Porém, deveriam ler e citar as bases filosóficas de suas teses. Seria mais ‘científico’ e honesto. Principalmente, quando proclamam ‘ideias inéditas’ para sua comunidade (elite cultural), as divindades de nossa época. Talvez, James Watt tenha sido o oitavo a inventar a máquina a vapor; por que ele não citou e remunerou os ‘gênios’ anteriores?

Muitos escritores, principalmente os que se consideram filósofos ou gênios, semideuses, desconhecem as limitações do tempo (época) deles, do espaço de influência deles; se imaginam num palco ou num altar, ambos perpétuos.

Maria de Fátima Freire (filha de Paulo Freire) alertou os ‘educadores’ (e todos as pessoas, personas, personalidades, comissionados, ...) de que deveriam reconhecer “em nome de quem falam”, do poder “do lugar em que falam”. No exercício de um cargo, estaremos empoderados pela instituição que representamos. Literalmente, representamos ... no palco social. Depois da glória, dos ganhos e dos aplausos, voltamos a ser apenas gente, seres naturais, humanos, se possível.

ESCOLAS DE ENSINAR E APRENDIZAGENS PRAGMÁTICAS

As escolas de ensinar colocam muros ao redor dos prédios para proteger a verdade acadêmica e a ‘sabedoria consagrada’, temendo que elas sejam entendidas ou depreciadas por leigos. Essas escolas e os profissionais que nelas trabalham dependem de leis, de instituições organizadoras e de vigilantes que mantenham e que defendam o ‘ensino tradicional’.

Segundo o Dicionário Houaiss, tradição pode significar *“ato ou efeito de transmitir ou entregar; transferência; herança cultural, legado de crenças ...; conjunto de valores morais [...] transmitidos de geração em geração; em certas religiões, conjunto de doutrinas essenciais ou dogmas [...] aceitos por sua ortodoxia e autoridade [...] na interpretação (dos fatos)”*.

As escolas tradicionais exigem disciplina, frequência e notas mínimas nas provas e nas arguições. Como recompensa pelo sacrifício dos alunos, oferece ajudas financeiras, oportunidades de emprego e diplomas com promessas de maiores salários. Nesse sistema, quem obedecer e seguir estritamente as regras institucionais será

considerado bom aluno, mesmo que as teorias acadêmicas possam ser aplicadas apenas em processos escolares e em classificações de intelectualidade.

As turmas do ‘ensino oficial’ são diminutas para proporcionar mais cargos para professores, diretores, especialistas, ... Uma turma de quarenta energias produzira mais e melhores ideias do que uma turma vinte de energias. Porém, será mais difícil de convencer e de dominar (domínio de classe, *dominus*, senhor), situação agravada pelo excesso de ensinantes, muitos deles, descolados das realidades dos alunos e da comunidade. Nos concursos do magistério, os candidatos buscam boa remuneração, importância intelectual e estabilidade funcional, com raríssimas exceções de vocação educadora altruísta.

Organizar o saber e a aprendizagem sobressai como virtude rara dentro e fora das paredes escolares. Ao aprender, sentimos prazer, sorrimos de alegria. Podemos aprender sozinhos; na troca de experiências e de ideias, aprendemos mais, com maior rapidez e melhor qualidade. Os aprendizes buscam oportunidades de satisfazer curiosidades e de resolver problemas, naturais ou por eles mesmos propostos. Desnecessário cercar e exigir que estudem; podem estudar sem esforço e estimular outros conviventes a desenvolverem, através do diálogo, atitudes e habilidades.

Ao invés de convidarem os jovens a participarem de um coletivo de aprendizagem, muitos ‘profissionais da Educação’ preferem falar do alto da cátedra, sem interesse no saber dos alunos, no saber popular, no saber fazer, no saber viver.

Aprender resulta em maior e melhor contentamento daquele que sentimos ao sermos ensinados. Ao aprender, resolvemos problemas, satisfazemos necessidades e realizamos nossas potencialidades. Bom aluno é o que quer aprender o que contribui na realização de seu projeto de vida, para poder viver melhor.

RESPONSABILIDADE CRÍTICA

Nada lembramos do que vivemos inconscientemente quando bebês. Durante a infância e a adolescência, agimos mais por impulso que por raciocínio lógico. Aos poucos, fomos tomando consciência de nossos acertos e de nossos erros. Passamos a pensar antes de fazer e a acreditar que nossas vivências são construídas por nossas escolhas e não por azar ou sorte.

À medida que envelhecemos, passamos a pensar mais sobre o cada vez menos que fazemos; substituímos ingenuidade e espontaneidade por responsabilidade crítica.

Se analisarmos o que formos fazer ou o que já fizemos, poderemos reduzir o volume de decepções e de fracassos, bem como, viver sem tantos sobressaltos e sofrimentos.

ÁRVORES DE RUA

A fruta estava madura, sem faltas ou excessos; madura no ponto. A polpa exalava aroma delicioso e as sementes, muito semelhantes entre si, provocaram nele a vontade de plantar, de ver as primeiras folhas brotarem, de contemplar as árvores crescerem e frutificarem.

Movido pelo impulso e revivendo a infância na roça, o ‘ecologista urbano’ aproveitava para plantar nos reduzidos espaços ao redor de casa. Pois, na cidade, a terra e a Terra estavam dominadas por alvenarias; subjugadas, sufocadas, sobrando poucos palmos de solo fértil para os vegetais, e o bairro carecia de paisagens verdes e de ar puro, bom de respirar.

Estava assim absorvido, olhando para a rua, quando percebeu o buraco que ficara do conserto do esgoto municipal à beira da calçada. Sorrateiro, ele cavou a terra úmida e plantou uma das suas pequenas árvores na esterilidade urbana.

Poucas pessoas souberam da aventura ecológica. E, muito menos, se motivaram a ajudar na plantação de uma floresta em via pública. Sozinho, contemplava o minúsculo vegetal e sua

dedicação despertava curiosidade nos vizinhos e nos passantes.

Talvez, aquecida pelo olhar do semeador e/ou abastecida pela matéria orgânica do esgoto, a pequena árvore arbustou, ramificou e encorpou. As primaveras favoreceram o crescimento e produzia sombra para abrigo contra o sol escaldante.

A árvore se tornou ponto de referência para a família e para a vizinhança. Todos defendiam a árvore da poluição, dos vândalos, das bicicletas e dos pisões.

Para viver, a árvore tinha que formar raízes profundas, que encontrassem nutrientes, e que se renovar, trocando as folhas envelhecidas por novas folhas. A força das raízes danificava a calçada e as folhas caducas emporcalhavam o derredor. As pessoas, mesmo com o grande amor pela natureza, não tinham tempo e vontade de recolher as folhas secas; também, não sabiam que as folhas são ricas em carbono e podem ser transformadas em adubo natural.

Os funcionários da prefeitura planejavam erradicar a ‘invasora’. Aguardavam apenas a ‘ordem de serviço’ e uma distração do plantador de árvores. A vizinhança se dividiu entre defensores da natureza e promotores do progresso urbano. Os contendores conversaram com jornalistas e a árvore foi amplamente noticiada, julgada e

sentenciada por cada lado da contenda. Os vizinhos e o povo em geral aguardavam os acontecimentos.

Quando as informações chegaram aos ‘órgãos ambientais’ e às ongs, a ‘árvore de rua’ ganhou sobrevida, porque – defendiam – ela amenizava o calor, absorvia gás carbônico e fornecia oxigênio para as pessoas. Além disso, foi reconhecida como ‘produtiva’: poderia alimentar borboletas, pássaros e pessoas.

Por outro lado, os urbanistas lembravam que os frutos excedentes caíam na calçada, atraíam moscas, baratas e ratos, além de representarem risco para os transeuntes, que poderiam escorregar na polpa podre e sofrer fraturas ósseas. A árvore não constava do ‘planejamento urbano’ e atrapalhava a visão dos motoristas. As ‘autoridades’ investigariam a origem da ‘invasora’ e responsabilizariam possíveis ‘envolvidos’ na irregularidade.

MOSAICOS

*Para Marlene Tessari, minha irmã:
sabedoria de quem une retalhos
para vestir pessoas ou
para pavimentar caminhos.*

O poeta alinhava palavras desiguais
em frases estendidas sobre poemas-mosaicos.
Nossas realidades não surgem
como surpresas monolíticas ‘caídas do céu’
ou como criaturas fantásticas que emergem
das águas plácidas de lago desabitado.

Cada um de nós compõe e recompõe
a realidade (em que imagina viver)
ao organizar e reorganizar fiapos do passado
com novidades que criamos por força de viver.

O tecido resultante dessa costura
sempre será híbrido: mosaico de fragmentos
com lembranças, ilusões e propósitos.

A realidade individual que inventamos
para nos sentirmos ‘com os pés no chão’
mais parece taipa de pedras irregulares
ou parede de tijolos desiguais

do que estátua de bronze único,
de cor uniforme e aparência morta

A ILUSÃO DO HARARI

"Para ver (e entender) a ilha, eu preciso sair da ilha (olhar de fora)."

Maria Rita de Souza Santos, Itabuna-BA

Quem vive imerso em academias (universidades) e em redes sociais tem convicção de que todos os humanos vivem como ela/ele, que ninguém no mundo pensa diferente do que ela/ele e que sobreviverão apenas os 'iniciados' (batizados, sindicalizados, congregados, consagrados, partidários, ...). Matrix...

Parece sólida a argumentação de que algoritmos dominarão humanos, se esquecermos as ideias divergentes (ou esquecermos de olhar o todo, entrarmos na 'nova doutrina' sem analisar o entorno, as circunstâncias, ...). O Catolicismo, o Nazismo e todos os fanatismos surgem e se estabelecem na cegueira provocada em 'quem olha diretamente no foco luminoso', no 'dogma', mesmo que 'científico', logo adiante diluído.

No caso de Nexus (Yuval Noah Harari), as redes de informações (IA) dominam quem está conectado a elas e é inócua para 'desligados',

peessoas que nunca se prenderam a essas ondas de modernidades (como energia elétrica, rádios, televisões, computadores, IA, ...) ou simplesmente não se ligam (religação) a ondas avassaladoras.

Quando cheguei a Canoinhas, a maioria dos alemães ligava seus aparelhos radiofônicos, que captavam apenas ondas curtas emitidas na Europa, para ouvir na Língua Alemã, os discursos do fanatismo da 'terra natal'. E viviam tão intensamente aquelas loucuras, que passavam a desprezar e a odiar todas as demais etnias, principalmente, os 'nativos'. Daí, o apoio para o extermínio dos 'pardinhos' durante a Guerra do Contestado, que eram chamados 'fanáticos' ... pelos imigrantes fanatizados.

Continuei a ver esse fenômeno nas radionovelas, nas telenovelas, no futebol, ... "Noventa milhões em ação" na Copa 70; sendo que a maioria dos brasileiros vivia em regiões remotas, sem energia elétrica, rádio ou televisão. E, mesmo entre os 'evoluídos', a maioria não torcia pela Seleção Brasileira de Futebol. Festa de São João, Carnaval, Festa da Tainha, Festa da Melancia, Festa do Pinhão, ... Muitos comunicadores criam e disseminam a ideia de que "quem perder (não participar, sensação de pertencimento) será inferior". E, o pior, será extinto. Matrix...

O Jornal Nacional (da Globo) dominou por décadas a mentalidade dos brasileiros. Toda

‘verdade’ emanava da leitura dos apresentadores. A RBS ia além: “fonte da Informação”. Ou seja, ela admitia gerar as notícias. Em Ipoméia, a igreja dominava o povo como verdade absoluta; alguns menos fieis se interessavam por futebol e, com a disseminação da radiofonia, as pessoas passaram a ser fanáticos por política.

Ou seja, para fugir (se livrar) das redes sociais e da IA, basta desligar interruptores, computadores, ‘smart’fones, evitar o Gemini e outros instrumentos de dominação e de vendas. Essa ‘nova era’ só existirá para quem permaneça ligado e navegue nessa onda. Mesmo assim, ‘mitos nanicos’, como presidentes de associações culturais, esportivas ou religiosas, podem ‘crescer’ e se tornarem grandes autocratas. E parte dos humanos (principalmente, os que se consideram Sapiens) pode ser dominada pela criatura pelos algoritmos que eles (ou outros) criaram).

O mar e o abismo não matam; mesmo assim, muitos morrem no mar ou no abismo.

POPULISMO

Mesmo que a literatura acadêmica e os analistas políticos considerem populistas apenas as figuras com destaque mundial (como Stalin, Mussolini, Hitler, Peron, Chaves, Khomeini, Fidel Castro, Putin, Trump, Vargas, Bolsonaro, Lula, ...) depois de consagrados, os populistas não nascem 'líderes incontestes'; o sentimento de que 'representam o povo', de que são "defensor da classe popular" germinam em mentes com pretensões de obterem altos poderes.

Os sentimentos de ser 'carismático', representante dos anseios 'do povo', porta-voz dos plebeus, dentre outras autoilusões de poder vir a ser um 'salvador dos oprimidos' são sementes que florescem na vaidade de mentes medíocres alimentadas por pequenos rebanhos iniciais, como clubes, seitas, partidos políticos, congregações religiosas, ... "Voz do povo é a voz de deus." Duas invencionices: um coro uníssono com a totalidade das vozes de todo um povo só existe em teoria difícil de realizar e deuses.

O Populismo viceja nessa simbiose entre ambiciosos (exibidos, que querem aparentar mais do que são, exploradores da ingenuidade alheia, ...)

e os rebanhos de 'desprotegidos' (protegidos ou que buscam proteção 'superior', que se sentem protegidos por tiranos).

DIA OITO DE MARÇO

Dia 8 de março foi escolhido como o dia em que refletimos sobre a importância da mulher em todos os dias do ano.

Instintivamente, a mulher é vista com olhos de desejo. Talvez, falte o desejo de olhar a mulher integralmente, dotada de capacidades e de sentimentos que podem ser compartilhados; alguém com quem me completo, alguém que comigo se completa. Não é por acaso que as pessoas casam.

Mais que emancipação, a mulher busca participação, participação na vida. A mulher busca o direito de viver plenamente; não a vida dos outros, mas a vida com os outros. Busca o direito de rir com vontade e de chorar sem motivo. O direito à alegria, à dor, à segurança, à liberdade. E, principalmente, o direito ao espaço para se movimentar e para crescer.

Respeitar a mulher é acreditar sinceramente na sua capacidade de crescer. Crescer, não como um ser menor que precisa crescer, mas, como um ser

que já é grande e cresce mais para que a
Humanidade toda cresça.

*Centro de Formação do Banco do Brasil, Bairro
Estreito, Florianópolis SC, em 07.03.1997*

A PORTA DA MENTE

A leitura de A CIÊNCIA DA MEDITAÇÃO (Daniel Goleman e Richard J. Davidson) motivou minhas pesquisas sobre o assunto; as informações complementares contribuíram bastante para estabelecer um entendimento básico sobre ‘meditações’.

Eu não conseguiria meditar ‘profundamente’, em posição de iogue, completamente imóvel, durante horas e anos. Por outro lado, posso concentrar minha atenção nas inspirações e nas expirações nos momentos que o exercício for útil para minha saúde e para minha tranquilidade. Fora isso, presto atenção à vida ao derredor respirando sem esforço e sem controlar. Fechar os olhos, em ambiente silencioso, e sentir cada parte do meu corpo, as sensações e os detalhes, pode ajudar na meta de conhecer melhor a mim mesmo.

Dos tipos de meditação que tive conhecimento, a que mais tenho interesse é ‘pensar sobre o que eu penso’. Ou seja, analisar os pensamentos que surgem (ou estão) em minha mente, “deixar ir” os inúteis e os prejudiciais, elaborar os que podem gerar ações positivas (para mim e para as pessoas com quem convivo) e, sem atropelos, agir

efetivamente para que as ideias selecionadas sejam concretizadas.

Nos livros e nas pesquisas sobre estoicismo, encontrei a base para colocar em prática a maneira escolhida de aprimorar meu caráter e de reduzir a lacuna entre o que sou e o que poderei ser (entre meu eu cotidiano e meu ‘eu’ ideal).

Durante anos, eu me senti atacado pelos insultos do vizinho, mas, relevava porque considerava que aqueles gritos raivosos representavam o que ele era e não o que eu sempre fui. Talvez, conseguisse me manter calmo e seguro porque a educação que recebi dos meus pais e de outros familiares me dava a solidez de uma árvore bem enraizada. Ou, talvez, eu já tivesse desenvolvido um comportamento ‘meio estoico’, resultado de leituras, de estudos, de convivências e de exemplos que eu sigo.

Agora, desejoso de praticar o estoicismo, vou impedir que os insultos e que as ironias penetrem em minha mente. Mantereí guarda na entrada para analisar o que aceitarei e o que deixarei ir, sem me abalar ou dar importância às maldades alheias. As narrativas deturpadas, as leituras inúteis ou nocivas, as ofertas mercadológicas, as notícias invasivas (e as alienantes, também), as conversas ‘de salão’ e as provocações de prazer serão vistas

como paisagens pelas quais passo sem guardar memória. Apenas, serão vistas como perigos externos a evitar.

O estoicismo me ajudou a concluir que o eleitor só pode ter o controle sobre seu voto (que será sempre sua responsabilidade) e não deve alimentar expectativas (muito menos culpa ou orgulho) do que os eleitos farão, porque, depois de exercer o direito de votar, o eleitor será apenas plateia para os políticos (administradores e legisladores). Promessas eleitorais são iscas para incautos. Nunca controlei e jamais conseguirei controlar as atitudes dos políticos.

Nada mais alienante que esperar que deuses resolvam nossos problemas; entretanto, pessoas podem se auto coagir por temores divinos. Deuses são projeções em que a maioria dos humanos deposita sua necessidade espiritual. Alguns ‘iluminados’ criam deuses, com a “imagem e semelhança” deles, para servir de amparo nas dificuldades e de juiz benevolente de seus erros. Em alguns dos casos, multidões de adeptos carentes de proteção divina, candidatos a viver no paraíso ou espertalhões ávidos por dízimos entram no rebanho, onde sublimam seus vazios existenciais. Se não controlarmos nossas mentes, muito menos poderemos controlar as criações de nossas mentes.

Encontramos a ingenuidade extrema (às vezes, absoluta) nos torcedores de equipes futebolísticas, que chegam a brigar (matar ou morrer) pelo “seu time do coração”. Pior que o fanatismo religioso: os torcedores (e os apostadores, ainda mais irracionais) nem mesmo optaram conscientemente pelo clube pelo qual torcem ou até dão a vida por ele. Muito raro um torcedor que assumiu o fanatismo por alguma razão lógica; a maioria nem sabe como iniciou sua torcida por ‘aquele’ clube de futebol.

Ou seja, o torcedor nem mesmo teve controle sobre sua escolha. Ultrapassa, então, a ilusória segurança do eleitor ao colaborar com os candidatos: sem argumentação ou justificativa, entra inconscientemente nas torcidas (organizadas ou desorganizadas) e segue a multidão a esmo. Torce e se contorce imaginando que pode controlar os ‘cartolas’, os técnicos, os atletas ‘profissionais e, a maior idiotice, acredita que pode vigiar os árbitros e que pode intimidar os jogadores dos times adversários. O torcedor vibra com acasos futebolísticos.

Eu aponto essas ingenuidades sem deixar de me incluir no rol dos que deixam suas mentes ‘desguardadas’, pois algumas pessoas entraram na minha mente e me convenceram a depositar dinheiro na conta delas. No passado, sofri por essa e por outras tolices; gastei horas preciosas ouvindo

narrações de eventos eleitorais ou esportivos e assistindo corridas automobilísticas. Também, muitas das minhas decisões (e indecisões) formam ingênuas, românticas ou até impensadas; me deixei enganar. Quero ser outro; quero ter consciência de minha consciência (metaconsciência).

Quem eu convido para entrar na minha mente? Os que me exploram e abusam da minha benevolência? Os que me desqualificam ou me insultam? Ou as pessoas leais, com as quais convivo nos momentos cotidianos e com quem posso contar nas dificuldades? Ou os que podem contribuir na melhoria de meus pensamentos?

Se eu estiver consciente de que posso controlar, permitir ou negar o acesso à minha mente, poderei atrair e manter parcerias mentais, deixar passar tudo o que não me interessa e evitar que pensamentos negativos (meus e de outras pessoas) perturbem minha paz interior.

SEMENTES FILOSÓFICAS

O amor segue comigo na ausência; a paixão me esvazia na presença, me consome, me esgota. Além de irracionais, as paixões alimentam nossos egoísmos.

Quando dois seres humanos assumem uma relação amorosa simbiótica, praticam solidariedade, vivem intensamente e se completam mutuamente; a amorosidade *“vai muito além do afeto superficial; trata-se de agir com respeito, gentileza, empatia e interesse genuíno pelo bem estar do outro, sem que isso anule a necessidade de impor limites saudáveis.”*

Originariamente, considerávamos simbiose, do grego sym (junto) e bios (vida), a parceira benéfica para os que vivem juntos, por acaso natural ou por escolha consciente. Com o passar do tempo, o vocábulo passou a ser usado também para designar outras convivências cooperativas, mesmo entre não-vivos.

A gentileza pode ser expressa por ‘gente’ que entende e pratica sentimentos humanos, compaixão, empatia, solidariedade, cooperação, ajuda mútua e ajuda sem esperar reciprocidade.

Ao doar, eu me completo; ao guardar, eu me entulho. Parece paradoxal. Entretanto, quando partilhamos o que nós mesmos produzimos (e, às vezes, temos em abundância), abrimos espaço para acolher ajudas, em uma troca proveitosa para ambos. O excesso que estocamos cobra ‘taxa de armazenamento’ e pode nos imobilizar por apego.

Loucuras são vendavais que carregam gente. Quando voou na minha loucura, realizei minhas fantasias; quando embarco em fantasias alheias, me perco da minha loucura: viro um louco alienado, um fiapo no rebanho, uma folha carregada pelo vento.

O amor me completa na ausência; a paixão me esvazia na presença.

E o egoísmo se enche dos outros.

Ao doar, eu me completo; ao guardar, eu me entulho.

Os amantes se completam; os egoístas se esvaziam.

As loucuras são vendavais que carregam gente.

Quando voou na minha loucura, realizei minhas fantasias; quando embarco em fantasias alheias, me perco na minha loucura.

A tendência é acreditarmos com maior convicção, com mais fé, nas verdades que descobrimos por nós mesmos; são as mais simples e as mais úteis para cuidarmos do nosso corpo e da nossa mente, para preparar e para aprimorar nosso espaço vital, nossa moradia e nossas relações afetivas.

A seleção do que sabemos e do que queremos para nós mesmos ajuda a construir nossa filosofia de vida, nossa tranquilidade, nosso bem-estar.

IMEDIATISMO

Insatisfeitos com a rapidez com que passam pela vida, os humanos inventam máquinas cada vez mais velozes para chegarem logo ao infinito. Essas ânsias desgastam, corroem e abreviam vivências.

As plantas, sem pés e sem pernas, se agarram no solo pelas raízes. Sem pressa, constroem florestas, dominam a natureza e contribuem para saúde de todos os seres vivos.

Os melhores caminhos são os que construímos por e para nós mesmos e não os caminhos que encontramos prontos ou aqueles que nos oferecem ‘de graça’. Nada é gratuito. A gratuidade é uma ilusão que compramos por alto preço.

ISOLADO: SEM WHATSAPP

Deixei de compartilhar mensagens pela internet porque:

1. Eu nunca naveguei em aplicativos de redes sociais. Com isso, evitei muitas decepções e muitos aborrecimentos.
2. A 'perda' da televisão em casa me livrou de muita coisa ruim e aproveitei o tempo desperdiçado anteriormente para ler e para escrever.
3. Nos dois únicos grupos de whatsapp de que participei, só vi prejuízos.
4. Constatei que muitos absurdos e muitos crimes acontecem por meio do whatsapp, principalmente, com a chegada da internet ao meio rural.
5. Ocorreram várias tentativas de acesso à minha conta bancária. Possivelmente, de pessoas com acesso a minhas mensagens pela WEB.
6. A maioria das pessoas optou por transformar suas contas em comerciais (para compras e para vendas), resguardando os assuntos privados de públicos os mais diversos e inconfiáveis; o compartilhamento, a exploração do inusitado e a procura por emoções fortes violam e violentam a nossa privacidade.

7. O choque de realidade ao tomar consciência de que as pessoas apenas toleram minhas 'ajudas', com desinteresse e raros proveitos.
8. Decidi cuidar mais de mim.

LEITURA DE MUNDO

Ler o mundo nos ajuda a entender como funciona a sociedade humana, verificar se estamos nos adaptando ou descolados da realidade, analisar se somos os 'únicos' 'com o passo certo' ou se devemos ligar nosso desconfiômetro.

TRANSITORIDADE DAS VERDADES

Na maioria das situações, as verdades são provisórias, efêmeras; porém, algumas permanecem e podem se tornar definitivas.

MEDO DA MORTE

Há 9.000 anos (desde 7.000 a.c.), os sapiens consultam oráculos, constroem tabernáculos e seguem profetas que prometem salvação; tudo para fugir da simples realidade: a finitude, nada vive pra sempre. Temos medo da morte; não queremos morrer. Animais e plantas lutam para

não morrer (*"impulso primitivo, pulsão vital, quando em risco de morte"*); os seres microscópicos, também. A humanidade (homo sapiens sapiens) continua buscando conforto para seus temores 'mortais'.

As pessoas (personagens do teatro da vida) acreditam (ou só repetem) que sentem com o coração. Que o coração é a sede dos sentimentos humanos. De fato, sem o coração, não sentiremos mais nada; quem "perder a barriga", também. Por que não dizemos 'agradeço de pâncreas' ou 'agradeço de cotovelo', aí invés de dizer "agradeço de coração"?

Muitos escritores, principalmente os que se consideram filósofos ou gênios, semi-deuses, limitações do tempo dele, do espaço / patamar / palco / altar.

ETERNIDADES

Durante alguns milênios, os humanos cultivaram o sonho de eternidades infinitas, "omnia saecula saeculorum". Do grego "εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων" (eis tous aionas ton aionon), que significa "para sempre", "por toda eternidade".

No início da 'nova era', novo milênio (no calendário católico), a eternidade longeva da "paz celestial" foi substituída por viver, individual e coletivamente, tudo em poucas décadas, com dinamismo intenso, absoluto e desvairado.

Alguns intelectuais analisam outra interpretação de eternidade: a continuidade da 'raça humana', a perpétua sequência de gerações.

SABEDORIA DA HUMILDADE

Conheço parcialmente, estudo, (re)conheço, valorizo, alimento e cuido de meu corpo. Confio nele (Fé na Vida) e procuro interagir de forma o mais consciente possível, analisando e mantendo meu viver dentro de limites cada vez mais estreitos; sem frustrações, mágoas ou tristezas.

As plantas e os animais guardam em seus corpos a sabedoria acumulada em dezenas de milhares de anos. A minha principal aprendizagem possível sempre será sobre o funcionamento dos seres vivos, como sobrevivem em meio aos comportamentos absurdos dos Sapiens Sapiens.

Cada ser vivo, do microscópico ao colossal, desenvolveu capacidades para bem aproveitar as condições naturais e para evitar os desequilíbrios

da soberba, da arrogância e da estupidez de grande parte dos nossos conviventes na Planeta Terra.

PASSAGEIROS

Tudo passa, todos passam.

Porém, cada um de nós passa diferente pela vida.
E pode fazer a diferença... ser inútil, útil ou nocivo.

EDUCAÇÕES

Bases da Educação no Japão: bom intelecto, coração puro e vida saudável; bases da Educação brasileira: ser esperto, levar vantagem em tudo e jeitinho brasileiro.

As diferentes filosofias constroem diferentes nações; cada povo tem a nação que constrói.

NOMES IRREALIZÁVEIS

Bem provável que os pais que nomearam de Arlindo o recém-nascido não tenham pensando em oxigênio para os pulmões ou na beleza do

invisível. Porém, na velhice, os arlindos estão mais para feios com arfeios.

Olindo fica ainda pior, porque nasce com cara de placenta, cresce com aparência natural e enfeia com o passar dos anos, merecendo ser chamado de Ofeio.

PEDAGOGIA DA EVITAÇÃO

Desde criança, aprendi estratégias de estar no mundo. ‘Estar no mundo’ é um modo de dizer ‘estar vivo’. Ter consciência do que acontece e administrar a própria existência seria a plenitude do viver. No entanto, esse é um ideal a ser alcançado e não uma realidade concreta.

Pouco lembro das lutas existenciais durante a minha infância. As lembranças mais antigas datam da idade de quatro anos, aproximadamente. São registros mnemônicos de cenas familiares em que fui assistente com pouca ação. Se administrar for ‘agir para o domínio’, naquela fase, vivia atrelado à vida familiar e tinha pouca ou nenhuma autonomia.

Dirigido pelas intenções e pelos desejos de meus pais, aprendi a ler e a escrever como se fosse ‘a coisa mais importante da vida’. Fui enviado, em 1957, à escola das freiras para ver se aprenderia junto com as meninas. A distância geográfica entre o vale em que vivíamos e o prédio escolar dificultou imensamente a minha iniciação no ‘mundo das letras e dos algarismos’. Meu pai não dava conta de cuidar das roças e, ainda me levar e me buscar na escola.

HIGIENE DA CUECA

Nasci e cresci imerso na cultura brasileira: machista, reprodutiva, contraditória e simplista; às vezes, simplória e até leviana.

Por procura ou por sorte, fui ouvindo vozes dissonantes, indicações de ingenuidades coletivas que se enraizavam em mim também. Sou cientista amador, movido por curiosidade, em busca de atitudes mais coerentes.

Lá pela terceira década de vida, um comentário, quase um murmúrio, despertou minha mente para as condições higiênicas de minhas cuecas.

Quando criança, habitante de um cafundó, minha mãe aproveitava panos velhos, restos de camisas ou sobras de retalhos para confeccionar uma roupa íntima elementar. Ainda menino, fui enviado ao seminário para aprender a ler e a escrever. Ela precisa fazer bonito. Afinal, o filho seria alfabetizado. Então, ela aprimorou o modelo, chegando a algo próximo de uma cueca samba-canção. Só passei a usar cuecas compradas em loja quando ganhei algum dinheiro e saí da vila para estudar e trabalhar em uma pequena cidade.

Paralelamente, a “privada” dos meus tempos na roça evoluiu, nos seminários, para “banheiro coletivo”; para banheiros de pensionatos e para um banheiro adaptado em minha primeira casa; de madeira, mas, “com banheiro”, se bem que ‘adaptado’. Nos seminários, só o nome de “banheiro”, pois, os banhos semanais dependiam das águas – às vezes, barrentas – dos rios.

E assim fui evoluindo... Mesmo que – hoje, percebo – ainda faltasse muito para poder me vangloriar da higiene pessoal. Aí, ouvi o cochicho a que me referi em alguns parágrafos atrás.

Desde menino, depois de urinar, toda vez, eu esperava as últimas gotas abandonarem a glândula; me demorava... e as pessoas ironizavam esse tempo extra, insinuando malícias ou ironias. Por mais que cuidasse e usasse estratégias para evitar as gotas de urina restantes, a cueca, vez em quando, manifestava o odor de desasseio.

Perguntei para algumas mulheres como elas faziam para evitar que a calcinha ‘ficasse temperada de urina’. Estranharam a pergunta e demonstraram preocupação com meu comportamento e com minha masculinidade. Ora, usavam papel higiênico...

Pensei: nunca vi meninos, rapazes e homens usando papel absorvente para secar as gotas

temporãs... Porém, mesmo que fosse ironizado, decidi experimentar a técnica sanitária.

Confesso que sofri zombarias e reprimendas. Afinal, estava violando o código do machismo, posto em risco a segurança dos ‘verdadeiramente homens’ e semeando dúvidas sobre minha opção sexual.

Outra decisão minha: sentar no vaso sanitário para urinar. Afinal, quem convive comigo merece encontrar o assento limpo e inodoro.

Na Década de 1980, quando passei a trabalhar para uma empresa em que os mictórios se estendiam ao longo de uma parede, às vezes, passava por humilhação, porque algum colega me via a higienizar a glândula e o prepúcio e proclamava essa ‘pouca vergonha’ para debochados colegas e clientes na grande sala de trabalho.

Também sofria escárnios em estações rodoviárias e aeroportos. Os que viam secando os restos de urina riam com complacência, parecendo se apiedarem dos meus desvios ‘morais’. Entretanto, minhas cuecas ficavam quase livres de imundícies e eu sentia o orgulho de romper um preconceito. Por me sentir menos sujo e mais confortável, fiz desse cuidado um hábito.

No final do Século XX, embarcava mais uma vez para exercer meu trabalho no extremo-norte do país. Depois de encaminhar minha bagagem e meu

embarque, fui aos ‘sanitários’, carregando a ‘bagagem de mão’.

Como sempre se faz, ao adentrar ao ambiente restrito, lancei um olhar estratégico para a parede em frente, onde se alinhavam os mictórios ... e encontrei um rolo de papel higiênico ao lado ‘direito’ de cada urinol de louça.

Aquela visão me deixou paralisado. E a estátua viva chorou... Inicialmente, um choro manso, lágrimas escorrendo silenciosamente... Os dois passageiros que lá estavam, ao sair, passaram por mim olhando o chão, compadecidos com meu pranto. Os que vinham entrando me olharam com assombro e um deles veio me consolar, pois, então, eu já me sacudia em soluços.

Me emocionei porque via realizado um sonho evolutivo; um espaço público tinha sido preparado para atender a uma necessidade daqueles que desejavam privilegiar a higiene íntima em detrimento da glória machista de ‘jamais se comportar como mulher’.

Tenho consciência de que aqueles rolos de papel higiênico foram colocados ali para atender mais da metade dos ‘homens’ que ali urinassem; que, sozinho, nada teria conseguido. Todavia, eu tinha sido um dos que lutaram em silêncio por aquele benefício. Vibrei de alegria por ter participado de um evento social evolutivo; de ter

ouvido o Zeitgeist (“o espírito do tempo”) e
contribuído para a higiene das cuecas.

Sítio Itaguá, 08.09.2020

MEDO SUPERADO PELA FÉ

A ausência total de medo pode nos levar à imprudência, à negligência, à imperícia e aos acidentes.

Por outro lado, o medo pode retardar e até impedir ações corriqueiras, normais, necessárias e úteis. O excesso de medo, então, pode gerar inoperância e até pânico.

Buscar um espaço de equilíbrio dinâmico pode ser um modo de viver sem temores e sem ousadias.

Quando a T conheceu L, teve a certeza de que "esse será o homem de minha vida. Não posso perder essa chance de ter um companheiro calmo, seguro, tranquilo, confiável, com pensamentos positivos e trabalhador.

L e T haviam passado por relações decepcionantes, com pessoas relapsas e exploradoras. Quando T propôs casamento, L, dentro de seus princípios éticos de sinceridade e de lealdade, informou que havia passado por uma cirurgia quando tinha doze anos e que o médico disse: "Nunca mais você poderá ter filhos."

Nesse sentido, o medo pode nos beneficiar.

Para T, a impossibilidade de ter filhos era apenas um detalhe diante da possibilidade de conviver com L. Porém, à medida que 'o amor aumentava', T orava em segredo e "fez uma promessa pra engravidar". Deve ter orado com viva esperança de ser atendida, pois logo o volume do ventre anunciou a gravidez.

A imensa alegria foi complementada com imensos cuidados gestacionais e com ainda mais louvações e rezas. "Deus vê e sabe tudo, até o mais íntimo dos pensamentos."

O importante está além do vigiar, o importante é o medo e a convicção que cada subalterno tenha de que é vigiado. "O oprimido intrometa o opressor." Paulo Freire

Pouco importa onde esteja, peão carrega consigo o medo do coronel.

Além de G, o casal 'teve' J; a moça e o rapaz foram "uma benção de Deus". O desejo vencendo o medo.

HISTÓRIA NOSSA DE CADA DIA

Quem escreve registra, de várias formas, acontecimentos diferentes. Também, quem escreve registra, de forma diferente, os mesmos acontecimentos. A primeira afirmação se refere ao estilo e/ou à formatação do texto de uma história inédita; a segunda admite possibilidades de versões diferentes para a mesma história. Como ‘uma grande mulher’ tem significado diferente de ‘uma mulher grande’.

Podemos escrever fórmulas, receitas, fatos, acontecimentos, notícias, reportagens (que nos reportam a algo), interpretações, análises, crônicas, hipóteses, teses, teorias, contos, romances, histórias; a História ou ficções científicas, sociais, jurídicas e políticas.

Apesar de parecer que só algumas da lista sejam invenções literárias, todos os textos registram o que o escritor imagina (imagem mental); mentiras e verdades são frutos da imaginação humana. Mesmo as fórmulas e as teorias. Todo texto escrito tem alguma base ou destino no mundo real e diferentes doses de invencionice para preencher lacunas, chamar a atenção ou convencer o leitor. Realidade, fantasia e

intencionalidade são ingredientes usados na produção de textos literários. As doses de cada componente serão determinadas de acordo com o objetivo do autor. Às vezes, de forma inconsciente, os escritores deixam a subjetividade mascarar o objeto para atender aspectos técnicos ou interesseiros.

O léxico informa que ficção é *“ato ou efeito de fingir; formação, criação, suposição, ...”* Imagino que seja recriar os fatos, reconstruir a narrativa histórica, *“com intenção objetiva, mas que resulta de uma interpretação subjetiva de um acontecimento, fenômeno, fato etc”*. (Dicionário Eletrônico Houaiss)

Os historiadores – do gênero masculino, raramente do feminino – advogavam autoridade histórica, convencidos de que, ao escrever livros de História (com H maiúsculo), prestavam importante contribuição acadêmica à Humanidade. A maioria advogava, pois, muitos deles já passam a admitir que a História possa ser considerada uma obra de ficção, mesmo que seja de ficção parcial. Meias-verdades, meias-mentiras, baseadas em fontes ausentes e interpretações convencionais. Historiadores opinam sobre fatos históricos. Escrevem e rescrevem a História, interpretando informações alheias; muito raro que tenham presenciado algum dos fatos narrados. Em geral, escrevem, em outro estilo e segundo ideologias

atuais, o que autores anteriores registraram como dado histórico, em semelhantes condições.

Os documentos históricos são apenas fragmentos da História: são textos que foram gerados e publicados dentro de contextos pouco conhecidos ou, até mesmo, camuflados. Portanto, o documento histórico é apenas a síntese oficial de um evento muito maior, mais amplo e mais complexo do que a coleção de palavras que sobreviveu. Pior ainda: as interpretações e as análises posteriores reinventam o fato histórico, possivelmente, com grandes distorções em relação ao que de fato aconteceu. Quais os objetivos e quais as forças sociais que nortearam a edição do documento? Mesmo os verdadeiros. Há provas que muitos documentos antigos são textos falsos inventados séculos depois para justificar arbitrariedades.

A Bíblia – o primeiro livro impresso na Europa, sem considerar ensaios anteriores – talvez seja uma antologia que reúne um conjunto de interpretações de fragmentos da oralidade e das escritas ideográficas ou pictográficas. A oralidade agrega subjetividades a cada transmissão; ideogramas e pictogramas são linguagens abertas a interpretações sérias, ingênuas ou tendenciosas.

No Curso de História, no início da Década 1970, tentaram me convencer que Heródoto – o “Pai da História” – comparecia a todas as batalhas com o

objetivo de narrar com fidelidade as guerras gregas. Será? Viajava de helicóptero? Por sorte, jamais saiu ferido... Cabeça de Vaca e Karl May descreveram minúcias de suas viagens imaginárias pelas américas ... Como que uma comitiva, no Século XVI, teria ido a pé pela mata da foz do Itapocu (Atlântico) a Asunción (Paraguai) em dezenove dias??? Escreveram com convicção. Talvez, baseados em relatos de outros que – de fato – estiveram no continente americano... Cabeça de Vaca convenceu reis a entregarem dinheiro e Karl May vendeu muitas cópias de suas histórias fantásticas. Cabeça de Vaca e Karl May forneceram fantasias terrenas para os cristãos europeus.

E, no Curso de Psicologia, no início do Século XXI, tentaram me convencer que a anamnese desvenda o passado; que as anamneses são fatográficos dos acontecimentos pessoais; que as anamneses são registros gráficos de fatos concretamente vividos. Anamnese, na filosofia platônica, seria *“rememoração gradativa através da qual o filósofo redescobre dentro de si as verdades essenciais latentes que remontam a um tempo anterior ao de sua existência empírica”*. Consistiria em *“esforço progressivo pelo qual a consciência individual remonta, da experiência sensível, para o mundo das ideias”*. (Dicionário Básico de Filosofia, Hilton Japiassú e Danilo Marcondes) Do grego, Amnésia, ausência de memória.

Remonta: re-monta, junta os cacos, reconstrói a história. Reinventa a realidade. Realidade que, segundo algumas teorias, já é invenção individual. Como arqueólogos que reconstroem o corpo ancestral com base na anatomia e nos desgastes de um dente e, em seguida, baseados no espectro que eles mesmos criaram, ‘reconstroem’ toda uma civilização. Generalizam as anatomias e as culturas pré-históricas a partir de um fragmento.

Pura ilusão pensar que, ao ouvir uma regressão, estamos visitando o passado autêntico. No entanto, psicanalistas e ‘pacientes’ acreditam. Ainda bem que os psicanalisados têm paciência... e fé.

Meu senso de realidade alerta que dezesseis jornalistas, ao relatarem um acontecimento, escreverão dezesseis reportagens diferentes, colorindo os fatos com seus pontos de vista. Contemplarão as cenas da posição em que estiverem, baseados em crenças pessoais, atendendo convenções sociais e regras de grupos interativos, guiados por convicções políticas, em busca de objetivos imprecisos: o futuro desejado. A maioria deles mencionará o que ouviram dizer, o que as fontes informaram... por critérios outros, quase sempre, subjetivos.

Na meia-idade, passei uma década sem visitar minha Terra Natal. Quando regresssei, “as curvas do rio estavam diferentes, com tamanhos,

dimensões e direções que contrariavam minhas propaladas lembranças. Apenas o sentido da correnteza era o mesmo.” Porque, meus sentidos mostravam que o que eu havia sentido, guardado e contado a tantos ... era o que eu sentia ao contar o passado, ao descrever o ausente. Ao falar para quem nunca esteve lá, eu descrevia minhas nostalgias e não as situações e os acontecimentos reais vividos no passado.

Minha mente – sem más intenções ou segundas intenções – contava meias-verdades, verdades parciais ou, até mesmo, inventava histórias, interpretava cenários e fatos, procurando dar veracidade e brilho às minhas ingênuas lembranças.

Se até eu mesmo me assusto com variantes, atalhos, desvios e volteios que crio involuntariamente, vamos imaginar possíveis transigências de um repórter que se reporta a lugar que nunca esteve e a experiência que nunca viveu... Mesmo que o jornalista esteja presente em todo o transcurso, sempre descreverá as impressões e as intenções pessoais ou os mandados do editor, do dono do jornal, do dono da revista, do chefe do partido político, do comitê científico, ...

Os historiadores registram – oficialmente – as opiniões deles sobre o que aconteceu no passado; alinhavam as informações que coletaram,

preenchendo os vazios do quebra-cabeça com suposições de enredo histórico. Como meteorologistas que garantem prever as variações climáticas, sem jamais se reportarem às previsões erradas.

Todos os textos escritos contêm doses de ficção; quanto mais convincentes, mais fictícios podem ser. O perigo do convencimento está em encantar o leitor com aparências de realidade. Basta recortar e comparar afirmações de um mesmo livro de História para encontrar discrepâncias e até contradições.

Quando leio poesias, contos e romances escritos por pessoas com quem convivi, percebo a distância entre o que eles dizem que viveram (e escrevem em seus livros e autobiografias) e o que fato aconteceu. (Ou eu também estarei divagando?) Se eu fosse louco de tomar como realidade o que escrevem meus colegas escritores, estaria corroborando e colaborando para convencer os leitores de que aquilo foi – de fato – o que aconteceu e que, naquela época, as pessoas viviam daquela forma. Que o mundo teria sido aquele. Sim. Em parte, pode ter sido. Os floreios são fantasias.

Se não devo confiar nem na minha memória do que vivi, como vou confiar no que os outros escrevem do que os nossos ancestrais viveram?

Se minha memória trai a mim mesmo, quanto
posso enganar a quem lê o que escrevo?

Que dirá, nas redes sociais...

20.06.2020

Agora, recebi essa notícia: Os tesouros da maior
biblioteca de mentiras do mundo - BBC News
Brasil <https://share.google/rUsu4apg51cGSI1is>

MAU-OLHADO

Desde criança, ouvi pessoas dizerem que alguém havia colocado mau-olhado nas fronhas, nas dobras da roupa ou nos bolsos. Ouvia mulheres especulando quem teria feito aquele feitiço, quem teria praticado a bruxaria, com que intenção. E sempre citavam alguém da família, alguma vizinha, algum parente, como pessoa perigosa, que poderia fazer grande mal, podendo causar até a morte. Porém, jamais eu tinha visto o mau-olhado em si.

No início da adolescência, talvez, com mais curiosidade e, sem dúvida, com alguma coragem, quando ouvia uma voz assustada falando que tinha encontrado um mau-olhado, procurava as provas reais do malefício. Deixava passar alguns minutos, observava com cuidado se a denunciante estava ocupada com outro assunto ou estava cuidando de seus afazeres e vasculhava todas as roupas que estivessem penduradas nos varais para secar.

Demorei para encontrar ‘objetos perigosos’. Saía frustrado; entretanto, ainda mais curioso. Redobrei minha atenção, aguicei os ouvidos e preparei os olhos para encontrar ‘o inimigo’. Mesmo assim, não encontrei ‘o monstro’ que

poderia destruir a vida de uma pessoa da família ou até a mim mesmo.

Como dizia Anna Maria, minha mãe, quando desisti de procurar, quando já tinha esquecido das ameaças, alguém me mostrou um mau-olhado. Então, entendi porque não conseguia encontrar os anteriores: eu procurava algo horrível, amedrontador à primeira vista.

Para poder frequentar a escola (Curso Ginásial), passei meses hospedado na casa de uma família, para a qual prestava serviços. Levantava no final da madrugada para ajudar a filha da dona do botequim a fazer pastel, cavaquinho, bolinho de chuva, cueca-virada e sonho para serem vendidos aos passageiros do ônibus que passava logo após às seis horas.

Durante uma daquelas empreitadas, a moça soltou um grito medonho, tirou e jogou o casaco através da porta, apesar do frio intenso e da geada sobre as plantas. Parei de sovar a massa e aguardei calado, pois, ela era bem temperamental e poderia reagir agressivamente. Ela era a filha da patroa, mas, queria mandar mais que a mãe.

Mesmo com medo, ela se encolheu de frio e, em poucos minutos, me mandou buscar o casaco caído logo depois da porta. Obedeci, sem contestar. Quando ofereci a veste, ela, tremendo, se encostou mais ainda contra a parede, com olhos de pavor. E

ordenou que eu tirasse o mau-olhado que estava no bolso direito do casaco, já gelado e úmido de sereno.

Vacilei. Se era perigoso para ela, poderia ser perigoso para mim também. Todavia, tinha que obedecer...

Abri lentamente o bolso indicado e nada vi de diferente. Apenas, na parte mais funda do bolso, havia um amontoado de fiapos e de finas fibras que tinham se desprendido do tecido. Virei o bolso pelo avesso e ia retirar os fragmentos quando ela gritou ainda mais assustada: “Não põe a mão. Tu tá loco?”

Muitas vezes, eu havia retirado montinhos de pano no fundo dos meus bolsos... Nem por isso, fiquei louco ou senti algum quebranto. No entanto, precisava concordar com a patroazinha. Então, ela ficou mais indecisa que eu: vestir o agasalho com mau-olhado, suportar o frio ou assistir o extermínio de uma superstição. Seria uma vergonha ter mais medo que o adolescente quatro anos mais novo que ela... Foi vencida pelo frio ...

Nos vinte anos seguintes, desperdicei meu tempo tentando convencer vítimas de quebranto de que aqueles restos de tecido lavado comprovavam, apenas, que as pessoas não costumavam virar a roupa pelo avesso na hora de lavar. Depois, aprendi a cuidar da minha vida, tão

somente, e fiquei em silêncio diante de pessoas com medo de mau-olhado.

MONETARIZAÇÃO DOS AFETOS

O vocábulo ‘humanidade’ pode ser entendido, dentre outros significados, como “conjunto dos seres humanos” ou “sentimento de bondade, benevolência, em relação aos semelhantes, ou de compaixão, piedade, em relação aos desfavorecidos”.

Em suma, espera-se que os humanos demonstrem um mínimo de ternura por filhos, pais, irmãos, avós, netos, amigos, vizinhos, ..., conhecidos ou estranhos, nos dois sentidos. Ou seja, espera-se que os humanos pratiquem empatia. Para a Psicanálise, ternura seria “atitude com relação a outrem, na qual, um indivíduo reproduz a relação amorosa que mantinha com a pessoa que dele cuidava e o alimentava, quando criança”.

Nesses tempos internéticos, o zelo pelos familiares virou ‘cafona’, atitude desprezível, fora de moda, fraqueza, vergonha diante de seres evoluídos. Pais, filhos, irmãos, avós, tios, sobrinhos, primos e afins passaram a ser ‘clientes’ ou fornecedores. Cuidar de pessoas virou ‘mercado de trabalho’; profissão do futuro, indício de evolução da Sociedade.

Ainda no estudo do Dicionário Houaiss, encontramos que afeto, cognição e volição são funções mentais. Talvez... apenas dos humanos. Tomara que não.

Tomo a liberdade de considerar que os humanos estejam com excesso de vontades e buscam dominar cada vez mais conhecimentos. São dominados pela volição e querem construir cognição infinita. Para a maioria dos humanos, a falta de vontade, a inércia e a preguiça causam poucos problemas; o problema, para si e para os outros, está na “vontade imperfeita”, que deixa de ser voluntária, para ser fúria que domina muitos dos que defendem o livre-arbítrio, o pseudodireito de agir inconscientemente, com graves prejuízos para si e para seus arbitrados.

Parece que estamos vivendo tempos ruins em que a Humanidade se desumaniza, transformando a humanidade em mercadoria à venda por preços adequados a cada interesse e a cada situação. Os afetos passaram a ser objetos de desejo e de lucro. Quem conseguir juntar dinheiro poderá pagar por amores, carinhos, cuidados, ternuras e tranquilidades. Fornecer afetos virou profissão lucrativa. Assim, a pobreza, além de continuar causando fome e privações, pode se consumir em abandono, porque a caridade também está à venda.

